



O SEQÜES

ISOLINE GRESOLIN VIANNA

O SEQUESTRO

FICHA CATALOGRÁFICA (C.D.D.) CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DEWEY

PREFÁCIO

Cairbar de Souza Schutel ao fundar o Centro Espírita "Amantes da Pobreza", em **1.905**, dava início a uma das mais importantes obras espíritas do Brasil e, certamente, do mundo. Isso aconteceu na então jovem cidade de Matão, o primitivo vilarejo do Senhor Bom Jesus das Palmeiras, da região araraquense. A sua natureza pródiga era agraciada com o trinar dos pássaros nos galhos frondosos das perobeiras, jequitibás, cedros, jacarandás; mas também nos pés de ingás, marias-pretas, guabiobas e tantos outros frutos silvestres que faziam a festa dos meninos matonenses. Um paraíso terreno a inspirar a alma experiente, amorável e corajosa do Bandeirante do Espiritismo!¹).

Por seu próprio interesse a literatura básica do Espiritismo, os livros da Codificação de Allan Kardec chegariam às mãos de Cairbar como um veio aurífero

que se multiplicaria e se transformaria em pérolas lítero-doutrinárias, em mais de três décadas de seu labor gigantesco e produtivo.

Depois de fundar o jornal *O Clarim*, de sua lavra inspirada saíam páginas profundas, consoladoras, corajosas, vibrantes, dinâmicas, doutrina espírita da mais límpida pureza. Eram os livros de sua autoria a partir de **1.911**. Mas sua personalidade indomável, vibrante, inteligente, empreendedora, deseja realizar mais. Então ele funda a Casa Editora *O Clarim*, como, também, já em **1.925**, a *Revista Internacional de Espiritismo*, juntamente com outros companheiros valorosos.

O tempo passa. Correm os anos da década de **1.960**. Entre lutas difíceis a Casa Editora *O Clarim* prossegue, procurando ser fiel ao seu fundador e patrono - no plano espiritual desde **1.938** - através da dedicação de tantos colaboradores, igualmente idealistas.

E nessa fase que Wallace Leal Valentim Rodrigues assume a redação de *O Clarim*, da *Revista Internacional de Espiritismo* e a produção dos livros. Surge, assim, sua exponencial obra literária. São os livros que escreve e as traduções e comentários de livros importantes, especialmente romances. O romance que representa a jóia mais preciosa da literatura. E a Casa Editora *O Clarim*, num rasgo de tirocínio, edita o extraordinário e histórico romance do famoso escritor francês Theophile Gautier, *Spirite*, com o título de *O Ignorado Amor*, tradução e prefácio de Wallace Leal, leal também às tarefas espíritas que abraçou. Esse romance foi analisado e aprovado por Allan Kardec, em **1.865**, orientando os escritores que desejassem abordar temas espiritistas.

Atualmente a Casa Editora *O Clarim* conta com **65** títulos editados de diversos autores encarnados e desencarnados, brasileiros e estrangeiros. São obras doutrinárias, infantis, históricas, biográficas, contos, romances.

Em seus **25** anos de colaboração valiosíssima o Wallace estabeleceu vínculos com diversos escritores e especialistas em traduções. Entre esses importantes colaboradores espíritas surgiu, há dez anos, a companheira Isolina Bresolin Vianna, da cidade de Bauru, SP, que, com sua vocação e criatividade, passou a contribuir com seu trabalho de tradução e produção de seus próprios textos.

Wallace Leal encomenda-lhe um livro, um romance, romance de cunho espírita em linguagem atual, moderna, objetiva, que pudesse falar à alma do povo que vive o momento-agora, o hoje, com os problemas gritantes de nossa época.

¹(*) Ver o livro Cairbar Schutel - o Bandeirante do Espiritismo, de autoria de Eduardo Carvalho Monteiro e Wilson Garcia, editado pela Casa Editora *O Clarim*.

Wallace Leal Valentim Rodrigues desencarnou às quatro horas do dia **13** de setembro de **1.988**. Como encarnado estaria privado de alegrar-se com o lançamento do romance de sua irmã espírita e colega de letras, a Dra. Isolina Bresolin Vianna. Mas do plano espiritual deveria estar muito feliz pela realização de seu pedido.

O título do romance é *O Sequestro*, que a Casa Editora O Clarim tem a grata satisfação de lançar por ocasião do Congresso Internacional de Espiritismo/89, a realizar-se em Brasília, DF, de **1** a **5** de outubro de **1989**, patrocinado pela Federação Espírita Brasileira.

O Sequestro é uma obra interessante, simples, clara, meridianamente clara e simples como devem ser todos os bons textos que veiculam uma mensagem de orientação espiritual e imortalista, sobretudo à luz dos postulados espíritas. E na linguagem mágica do romance que ensina envolvendo o leitor no doce prazer de fruir a obra de artista criativo, inspirado, como a sorver a linfa pura e cristalina de um regato que, além de tudo, canta a sonoridade majestosa da vida.

A autora, companheira Isolina Bresolin Vianna, nasceu em lar católico mas logo aos **10** anos de idade começou a ter conhecimento do Espiritismo devido a mediunidade de cura que a sua mãe desenvolveu, tornando-se, assim, espírita convicta, não só pelos fenômenos maravilhosos que presenciou em seu próprio lar, mas também pelos estudos que desde cedo iniciou.

É formada em Letras Neolatinas pela Universidade do Sagrado Coração de Jesus, de Bauru, SP, com especialização, mestrado e doutorado, tendo defendido tese de Literatura Portuguesa com a obra "Antonio José da Silva, o judeu" e "As Obras do Diabinho de mão furada". É autora de contos, premiada no Estado de São Paulo e colaboradora da Casa Editora O Clarim como tradutora de francês, espanhol e italiano. Sua experiência literária é rica e significativa, mas o que aqui informamos já dá uma idéia dessa sua valiosa experiência, que se traduz em seu romance *O Sequestro*, mais um livro espírita de alto nível literário e doutrinário.

Convidamos nosso estimado leitor a abrir suas primeiras páginas e viver as tramas verossímeis, **humanas**, tão atuais, que a Lei da Reencarnação articula na vida dos personagens, assim como, de uma maneira ou de outra, a reencarnação envolve as nossas próprias vidas no cenário de mais uma experiência física neste maravilhoso planeta Terra.

PRÓLOGO

Todo livro tem uma história. Eu gosto quando os autores contam para a gente a história do livro deles. É por isso que eu vou contar aqui, para vocês, a história deste livrinho, romance, conto, enfim, dou-lhes o direito de classificarem este meu trabalho como melhor lhes parecer.

Durante cerca de dez anos, ou até mais, tenho estado em contato com o meu amigo Wallace Leal Valentim Rodrigues. Nós nunca nos conhecemos pessoalmente, mas ao longo desses anos todos, temos sido amigos e colaboradores, trabalhando juntos para a Editora O CLARIM. Traduzimos livros, artigos, escrevemos e nos criticamos mutuamente, num julgamento terno, sincero e recíproco dos nossos trabalhos.

A meu ver, entre as muitas coisas importantes que o Wallace escreveu, avulta a sua poesia, ainda inédita, cujos poemas eu tive a honra e a felicidade de ler e criticar. A crítica eu repito aqui: não existe nada, na poética espiritualista, que se possa, sequer comparar, em beleza e clima espiritual, aos poemas que o Wallace deixou para nós, como um presente ím- **15** par, em valor e criatividade, principalmente por ser no campo espiritual, com mensagens poéticas que incluem a reencarnação.

Quando o Wallace me mandou as suas poesias, eu mandei a ele alguns dos meus contos. Ele foi muito generoso na crítica dos mesmos e me pediu que escrevesse um conto ou romance espírita. Na época, eu achei que ele apenas quis ser gentil. Mas, ao longo do tempo ele continuou insistindo e aí então eu prazerosamente acreditei. Mas, faltava tempo e inspiração, até que, no dia doze de julho último, eu recebi uma carta dele, ditada para o seu secretário, na qual ele insistia para que eu

cumprisse o prometido e escrevesse o romance. Ele dizia também que estava mal de saúde e que talvez nem o chegasse a ler, com o corpo material que o revestia.

Enchi-me então de brios e comecei, nesse mesmo dia, a escrever o que prometera ao Wallace: ele, de fato, não lerá mais com o corpo material, pois faleceu no dia **13** de setembro, quando eu estava mais ou menos no meio da produção desta obra. Mas eu acabo hoje, dia **9** de outubro de **1988**, de escrever o romance prometido, que me saiu de estalo, meio compulsivo e espero que não desaponte muito ao Wallace, onde quer que ele esteja agora.

...É esta a história deste livrinho.

A autora.

Capítulo I — À PROCURA DA FÉ

Ana Helena, Ana da avó paterna e Helena da avó materna, era uma jovem da classe média alta, bonita, bem sucedida na vida, pertencente a uma ótima família, cheia de ternura e compreensão recíprocas.

Tinha tudo para ser uma pessoa tranquila, feliz, sem conflitos.

Acontece que Ana Helena sentia uma enorme necessidade de compreender e amar a Deus: queria se dedicar de corpo e alma a uma religião que a satisfizesse plenamente; que não deixasse perguntas sem respostas, nem problemas sem solução. Ela queria ter fé, mas não uma fé cega.

Por isso, Ana Helena já lera, com toda a atenção, a obra em cinco volumes "As grandes religiões"; frequentara um curso de "História da religião católica", cuja religião era a de sua família, e nela fora criada, assim como os seus irmãos.

Lera e estudara algumas obras referentes às várias correntes religiosas, oriundas do protestantismo, e não estava satisfeita.

O livro de Somerset Maugham, "A ponte de São Luís Rey", que contava a tragédia de uma ponte que desabara matando inúmeras pessoas, cujas histórias são contadas no livro, coloca uma pergunta: "Deus estava lá?". Essa pergunta, durante meses fora objeto de reflexão para Ana Helena, que desejava uma resposta, com certeza, se Deus estaria mesmo lá, naquela hora fatídica. Ele não está em toda parte? Não é verdade que não cai uma folha de uma árvore, se não for pela vontade de Deus? Então por que, aquelas pessoas, tão diferentes entre si, desde uma prostituta empedernida, um garantido canalha explorador do próximo, até uma sofrida mãe de família e uma inocente criança? Por que teriam elas morrido ali, naquela hora e naquele lugar, de modo igual, de forma tão trágica?

Seus estudos de religiões primitivas, falavam de reencarnação: nesse caso, uma inocente criança, segundo o conceito comum, no conceito dos reencarnacionistas, poderia não ser assim tão inocente. Nem a simples e pacata dona de casa sem pecado, a nosso ver, seria assim tão isenta de pecado, cujos pecados, poderia trazer de outras vidas.

Mas como se pode pagar, de bom grado, uma dívida que não se sabe qual seja? Como podia Deus obrigar a um sofrimento cuja causa não se conhece e por isso nos parece injusto? Isso parecia quase tão ruim quanto o céu e o inferno dos católicos.

Todas essas reflexões afastavam Ana Helena das religiões oficiais e assim ela não frequentava nem cultuava nenhuma, embora, de vez em quando, sentisse uma necessidade tão grande de ir a um lugar de oração que ia à igreja católica, à igreja protestante, ou mesmo, isso muito raramente, a um centro espírita. As missas, casamentos e batizados a que comparecia, por obrigação social ou familiar, ela nem contava.

Ana Helena trabalhava no Itamarati, ligada ao serviço diplomático, e já viajara algumas vezes para a Europa e os Estados Unidos, valendo-se de facilidades e oportunidades que o seu ótimo emprego lhe facultava. Nessas viagens, visitava sempre as igrejas católicas, antigas e históricas, cujo clima de misticismo e mistério tocavam-na profundamente. Em algumas, parecia-lhe até sentir a

presença daqueles santos e históricos mártires do cristianismo, como se eles ali estivessem, tentando transmitir-lhe a fé que os impulsionou, em vida. Então ela se sentia católica. Mas logo, surgiam as indagações, as dúvidas, as perguntas que não tinham respostas ou cujas respostas eram, ou muito ingênuas ou muito fantásticas para satisfazê-la.

Seus pais, já de uma certa idade, formavam um casal unido e realizado, segundo seus desejos e ambições: eram bons católicos.

Tinha ainda dois irmãos, um deles, o mais velho, casado e morando em São Paulo, com a sua família. O mais novo, solteiro, morava com ela e com os pais. Todos a tinham em grande estima, pois era uma família feliz e equilibrada: estavam todos bem de vida e ninguém precisava da ajuda dela. Tudo que ela ganhava, gastava ou economizava para si mesma. Não era dada a esbanjamentos, exceto nas viagens, quando gastava muito, em presentes que trazia para todos: familiares, colegas, amigos e até vizinhos.

A inquietação religiosa, porém, permanecia como uma constante em sua vida. Por isso, lia tudo que lhe caía nas mãos, principalmente no tocante à religião. Até meditação oriental, esoterismo e estudos rosa-crucianos foram objetos de suas leituras e estudos, com questionamentos pessoais, para ponderação. Sem contar os cursos de Teologia, na Faculdade.

Eram comuns diálogos com seus colegas, nesse tom.

- Mas se a pessoa matou alguém numa encarnação passada e depois tem de ser também assassinada, isso não acaba mais, pois quem o matar terá de, por sua vez, ser assassinado - ponderava Ana Helena, em conversa com um colega de trabalho que era espírita.

- Não é bem assim - respondia o colega. Não se esqueça do que já lhe falei sobre a terceira revelação. Não é a lei de Moisés, "olho por olho, dente por dente", ou a pena de Talião.

- Explique-me de novo, a terceira revelação. Uma vez você já me falou sobre isso, mas não estou muito bem lembrada.

- Bem, nós espíritas acreditamos que o judaísmo, que teve como parâmetro os dez mandamentos, dados por Deus a Moisés, no Monte Sinai, é a primeira revelação. Ela veio trazer aos homens a crença em um só Deus, severo e poderoso, ao qual se deveria temer e adorar, porque eram assim os homens daquele tempo: só acreditariam em algo superior, se fosse severo e poderoso e merecesse adoração e até sacrifício. Não se lembra da prova a que foi submetido Abraão?

- Sim, eu me lembro: Deus teria exigido que ele sacrificasse o seu próprio e único filho, Isac, para provar a sua fé e o seu amor a Deus.

- Pois então. Mas Deus, não permitiu a consumação do sacrifício, porque Deus é bom, mesmo quando, por causa dos homens, tem de ser duro com eles. Quando os homens já haviam caminhado um pouco mais na escalada universal da evolução e já eram um pouco menos bárbaros. Deus mandou seu filho Jesus Cristo, para fazer a segunda revelação: aquele Deus único e severo da primeira revelação, era também um Deus de amor e Cristo veio, trazendo, como parâmetro para os homens de então, o "amai-vos uns aos outros", ou o mandamento maior que é "Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo". Então a segunda revelação se constitui na Lei do Amor, na qual é revelada a outra face de Deus: Ele não é mais aquele ser poderoso e implacável, mas um pai amantíssimo e misericordioso, que compreende e dá uma nova oportunidade aos que erram, pois promete que "nenhuma ovelha de seu rebanho se perderá" e que haverá sempre júbilo quando voltar o filho pródigo. Mas, ainda assim, o homem, na sua caminhada ascendente, que já evoluiu mais, não encontra respostas que combinem o sofrimento e a desigualdade entre os homens, com a misericórdia infinita de Deus. Então surgiu a terceira revelação, que complementa e completa o que começou com a primeira, que foi a descoberta de um só Deus, seguida da segunda, que foi a revelação do amor de Deus e, por fim, a terceira revelação que explica: Deus é único, é bom e amoroso e é também justo e não castiga seus filhos, que são a Sua própria criação e que Ele quer todos salvos e algum dia, mais cedo ou mais tarde, todos juntos Dele.

- E no que consiste exatamente a Terceira Revelação?
- Consiste na obra de Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, que vem complementar a revelação da misericórdia e do amor de Deus, com a revelação da Sua Justiça, pela reencarnação.
- Espera aí. Vou mostrar um artigo que eu li, sobre a reencarnação que, apesar da simplicidade, me impressionou mais do que toda a filosofia que tenho lido, sobre o assunto. Veja, está aqui. Leia você mesmo.

E Carlos leu, em voz alta.

"REENCARNAÇÃO

Não são pesquisas científicas, nem elocubrações filosóficas de alto gabarito, nem mesmo são estudos mais profundos, que me dão a certeza da reencarnação.

É apenas e tão somente a simples e elementar lógica de raciocínio comum: Deus existe? Existe.

A crença apriorística de que Deus existe, me dá o ponto de partida, a base para raciocinar. Se Deus realmente existe, tem de ser bom e justo, pois estes são os atributos de Deus.

Ora, como conciliar a bondade e a justiça de Deus com tudo o que existe na vida, de mau e de injusto?

Tudo acontece com a permissão de Deus, não é verdade? "Nem uma folha cairá do galho de uma árvore, sem que Deus o permita". Então, como fica a permissão de Deus, face a tanto crime, tanta violência, tanta maldade, tanta injustiça, tanta deficiência física e mental?

Só pode ser porque o próprio homem quis assim, por razões profundas, íntimas e pessoais e porque Deus lhe deu o dom supremo da liberdade de escolha, do livre arbítrio, que respeita a sua escolha, não interfere, para que ele possa, por sua conta e risco, crescer e caminhar com as suas próprias pernas, na direção que tiver escolhido.

E a mesma coisa que qualquer bom pai. Ele ensina e educa seu filho-criança, mas quando esse filho cresce e se assume, mesmo que o pai sinta o seu coração partir-se diante de dificuldades, angústias e frustrações pelas quais o filho esteja passando, não pode e nem deve interferir, para que ele cresça e vença sozinho e tenha fibra para construir sua própria vida.

E tudo tão simples e fácil de entender: se Deus existe, e Ele existe mesmo, sem dúvida é bom. Se Ele é bom, não será por vontade Dele que sofremos. Se não é por vontade Dele, é por nossa própria vontade. E por que haveríamos nós de querer passar por tudo isto: saudade, dor, angústia, solidão, miséria, fome, humilhação, cegueira, aleijão? Para progredir, para evoluir, para crescer, para vivenciar as situações todas que nos acrescentam, nos enriquecem, nos enriquecem e nos burilam, fazendo a nossa evolução espiritual. E isso só é possível, na multiplicidade das vidas, nas variadas oportunidades de aprendizado e de vivência, que nos dá a reencarnação.

É como se cada vida representasse um ano escolar, com um "currículo", um programa a vencer, para, no final, obtermos a aprovação e passarmos ao ano seguinte, embora estejamos sempre, como na escola, sujeitos à reprovação, termos de ficar para recuperação ou segunda época, quando então teremos de fazer estudos intensivos, para ver se dá para recuperar o tempo perdido.

Assim, eu penso que, aqueles que se suicidam, se submetem a drogas e vícios que lhes mine a vitalidade, são os que, reprovados, para recuperar esse tempo perdido e, às vezes até superestimando suas forças, pedem um corpo aleijado, cego, surdo, feio, deformado, enfim, uma prova maior, que NÃO lhes é imposta por Deus, mas que eles próprios escolhem. Desse modo, não é pela vontade de um Deus cruel, vingativo ou tirânico que nascem criancinhas cegas, ou que pessoas ficam aleijadas, surdas, cancerosas ou paráliticas, presas a uma cadeira de rodas, mas porque elas próprias, por razões que só a elas mesmas diz respeito e num entendimento particular entre elas e o seu Criador, assim quiseram que fosse.

Talvez esta seja uma forma muito simplista de encarar um assunto tão complexo para muitos, mas a lógica é simples, o raciocínio é comum, e o óbvio se impõe, como a própria vida. E é também a única forma compreensível e ao alcance de todos, para explicar as diferenças sociais, econômicas, raciais

e intelectuais, enfim, todas essas diferenças que tornam a vida boa para uns e péssima para outros, diante de um único e bondoso Pai Maior, de todos esses filhos, felizes ou infelizes."

- Você não acha que tem, pelo menos, muita lógica, em tudo quanto aí está escrito? - indagou Ana Helena, ao seu amigo e colega Carlos.

- Eu acho sim, na verdade. Mas, isso não é nada de causar admiração, uma vez que sou espírita kardecista, isto é, seguidor da filosofia espiritualista, codificada por Allan Kardec. O que me admira é você achar lógico o pensamento expresso nessa matéria jornalística.

- E porque as coisas óbvias, cristalinas, para pessoas de mediana inteligência e seguidoras dos ensinamentos de Jesus Cristo, independem de um rótulo religioso. Eu, por exemplo, não me rotularia de espírita e, no entanto, só posso acreditar na justiça de Deus, se acreditar na reencarnação, independentemente de ser espírita.

- Por isso é que foi tão importante e necessária, a terceira revelação.

Capítulo II — A ENCHENTE

Luís Pedro estava perplexo e arrasado, contemplando as águas barrentas que levavam o prédio e as instalações da pequena fábrica de vinho. E com ela, lá se ia, água abaixo, todo o trabalho e o capital dos seus avós, de seus pais, de seus dois irmãos casados, já pais de família e trabalhadores da fábrica, que lhes garantia o sustento.

A enchente que arrastava a sua cidade e quase todo o seu estado sulista, arrastava também tudo o que a sua família conseguira, com o trabalho de três gerações, incluindo o dele próprio e que, segundo até então acreditavam eles, preparando também o futuro para a quarta geração, que já despontava.

Onde estava Deus, que não só permitia como colaborava com essa maldade, essa infelicidade para pessoas pacatas e trabalhadoras, que só pediam saúde e serviço para poderem trabalhar e realizar sua função na vida e conseguir viver bem? E era mesmo uma maldade, pois certamente iria matar o seu avô, já velhinho, viúvo recente e cuja vida que remanesca era toda ela dedicada à fábrica que ele construía, a duras penas e na qual via a sua família prosperar. E seu pai e sua mãe, já também idosos, que nunca conheceram outra vida, a não ser a de vinhateiros, desde a plantação da uva, nos campos, até o produto acabado, na garrafa, distribuído para todo o Brasil.

Já não bastava a filoxera, que reduzira quase à metade os lucros do ano anterior? Agora a enchente vinha acabar de vez com o resto de esperança, que estava toda ela colocada na safra que a enchente acabara de levar, já quase toda engarrafada, bem como os tonéis, já em fim de maturação, quase no ponto de também engarrafar. E também as máquinas que estavam todas sob as águas, ou melhor, sob a lama. O mecanismo delicado deveria estar todo comprometido, isso sem contar com a ferrugem, que restaria, corroendo toda a ferrugem que era sempre cuidadosamente engraxada, para não se estragar, pois era tudo muito caro. Hoje não seria mais possível importar essas máquinas. E o prédio, as instalações próprias, desenhadas pelo seu pai e executadas sob a orientação do avô, que fora à Itália, para ver como eram as fábricas de vinho, lá na sua terra natal? Tudo isso a enchente ia levando. E ele sabia que não haveria volta; não tinham condições de refazer o que a enchente estava desfazendo, como que derretendo, transformando em lama e detrito, todo o futuro de sua gente. Não havia mais nada. Não restava nem mesmo uma palhinha a que se pegar, nesse oceano de desesperança.

Tudo isso amargurava Luís Pedro, que fazia tais reflexões, no alto de uma jamanta de fazendeiros amigos, que tentavam ajudar, mas constatavam que nada mais havia a fazer, nada a salvar.

E foi então que toda a sua amargura encontrou sintonia num amargo poema de Guilherme de Almeida, ESTA VIDA, onde havia uma estrofe que dizia: "Deus? Não creio nessa fantasia Deus me

deu fome e sede cada dia, nunca me deu pão nem me deu água, deu-me esta vida, um pão envenenado"

Nunca em sua vida Luís Pedro achara que esse poema pudesse lhe dizer alguma coisa, ele que fora sempre tão bem aquinhoado por Deus. Mas agora, com que mágoa, ele sentia, que Deus, através da natureza, estava lhe dando um pão envenenado.

...Mesmo depois de passado algum tempo, a amargura e a desesperança não diminuíram e era preciso tomar algum rumo, fazer alguma coisa. Sentindo-se livre de todos os compromissos assumidos com a educação que recebera e mesmo com a religião que professara e tudo o que lera e aprendera sobre Deus e religião, que ele agora banira de sua vida, bem como toda ética e toda moral que aprendera na escola e com a família, resolveu que faria tudo para sobreviver, não importando se seria certo ou errado. Em primeiro lugar, resolveu que abandonaria a família à própria sorte; cada um que se cuidasse, ele não iria se incomodar em ajudar ninguém, nem iria se preocupar com o que lhes pudesse acontecer. Ele iria embora, cuidar de sua vida, dele próprio, não de mais ninguém. Não queria nem saber.

Depois destas decisões tão drásticas e pouco cristãs, numa fria e triste madrugada, Luís Pedro partiu. Arrumou a mochila, só com o essencial e um revólver e saiu de casa, chorando, mas decidido e revoltado com Deus, com a vida, com o mundo, com tudo. Em dinheiro ele levava o produto da venda do relógio de ouro, que ganhara havia já dois natais anteriores, quando a safra tinha sido boa e todos ganharam bons e valiosos presentes. Também ele não estava nem um pouco preocupado se o dinheiro que levava iria dar ou não para suas despesas obrigatórias. Na hora em que acabasse ele simplesmente pretendia tomá-lo de quem o tivesse: para isso estava levando o revólver que o pai lhe dera, um dia depois de um assalto na fábrica, para que ele se protegesse e também estivesse preparado para proteger a propriedade da família. Amargurado ele pensava: "só que um 'ladrão', maior, um temporal (mandado por Deus?) roubara tudo de uma vez, sem lhes dar a menor alternativa de defesa, com qualquer tipo de arma, e assim os apanhara indefesos."

Com esse espírito, esse objetivo e essa revolta interior, Luís Pedro partiu de casa, decidido a fazer a vida, sem ética, sem lei, sem moral e sem religião.

Antes que acontecesse a enchente, ele havia sido um moço simples, pacato, nem pior nem melhor que qualquer outro, do seu meio, nas mesmas condições de vida. Do ponto de vista espiritual, se não melhorava, também não piorava. Se não contraía mais dívidas para o seu espírito, num comportamento prejudicial ao próximo, também nada fazia para pagar débitos contraídos em vidas anteriores. Também não se preocupava muito com Deus ou com qualquer filosofia religiosa: aceitava apenas aquela em que fora criado, a católica apostólica romana, sem qualquer **30** tipo de questionamento ou indagação. O assunto religião não o interessava muito e, por essa razão era bastante desinformado sobre ele, embora gostasse de ler, sobre todos os assuntos. Assim, fora-lhe muito fácil alijar Deus do seu coração, movido pela revolta, sem outro tipo de indagação ou ponderação sobre os fatos-

Logo na primeira parada de ônibus, pois resolvera tomar um ônibus que o levasse longe, bem longe, ao norte, talvez até São Paulo, ou mesmo o Rio de Janeiro, que ele já conhecia e gostava, resolveu testar a sua capacidade de agir fora da lei, surripiando umas maçãs expostas num restaurante de beira de estrada. E foi bem sucedido: nem nervosismos, nem problemas de consciência impediram-lhe a destreza necessária, para bem executar o furto. Como estava vivendo uma completa inversão de valores, ficou contente com a sua capacidade de ser desonesto.

Ao longo da viagem, que foi feita em demoradas etapas, com paradas até de dias, em algumas cidades, ele furtou roupas de lojas, um relógio de um vendedor de calçada e várias miudezas mais, de supermercados e feiras: coisas sem importância, a maioria destinada à sua alimentação e o fazia com muita destreza e cinismo. Assim sendo, não gastava muito dinheiro, que reservava mais para as passagens e a dormida, em pequenos hotéis e pensões, isto quando não dava para escapar de madrugada, sem pagar nada.

Depois de muitas peripécias, muitas atividades de pequeno marginal, às quais não estava acostumado, pois sempre fora uma pessoa de bons costumes, chegou ao Rio de Janeiro e resolveu que lá haveria de ficar morando, bem longe dos seus e do seu estado sulino.

Procurando trabalho, no Rio de Janeiro, constatou que, na sua especialidade, isto é, fabricante de vinho, não seria possível encontrá-lo. Mas, isso não o preocupou, desde que já havia tomado a decisão de não se apertar por falta de dinheiro ou do que quer que precisasse. Ele simplesmente pegaria para si, aquilo que quisesse.

Através de pequenos golpes e alguns assaltos que ele executava sempre com máscara e armado de revólver, ia ganhando dinheiro para viver e viver relativamente bem. Seu trabalho se limitava a observar bares, postos de gasolina, bancas de revistas, restaurantes, cinemas... Quando era oportuno, "limpava" as caixas registradoras, ou então, as bolsas e bolsos de pessoas distraídas, na multidão e na saída de cinemas e restaurantes, quando, geralmente os homens, saía'm meio zonzos, depois de uma boa comida, regada por um bom vinho.

Nos primeiros meses dessa atividade ilegal, fora sempre bem sucedido, pois tivera sorte de não ser pego.

Depois de algum tempo, a polícia parece que andava mais ativa e ele chegou a correr sérios riscos: uma vez quase foi preso em flagrante. Outra vez, vários tiros passaram por ele e um quase o acertou em cheio.

Alguns marginais aproximaram-se dele, mesmo sem saber sobre as suas atividades de fora da lei. Quem sabe havia nele algo que fazia com que os marginais achassem que era um deles. Talvez fosse ape- 32 nas por observar que ele não trabalhava, pois era en- contradição em bares e cinemas, em horas que as pessoas deveriam estar trabalhando. Uma vez, chegaram a insinuar uma proposta de atuarem juntos, mas ele nunca quis sociedade com ninguém: sozinho corria os riscos e também sozinho desfrutava das vantagens daquilo que conseguisse.

Mas, a uma certa altura, resolveu que teria de dar um golpe maior. Um golpe bem grande, que pudesse lhe garantir uma boa renda em poupança, até que ele aprendesse uma profissão. Talvez até que pudesse cursar uma faculdade, formar-se em alguma coisa que lhe desse condição de viver bem, de um emprego bem remunerado, pois preguiça de estudar e de trabalhar ele não tinha e até já estava se sentindo mai, nessa ociosidade. Se ele conseguisse o que estava planejando, isto é, um grande golpe, que desse para ele se sustentar pelo tempo necessário para se preparar para um bom emprego, então poderia sair da marginalidade e viver uma vida normal. Não que ele estivesse se regenerando, não estava nem um pouco preocupado com ética ou moral, mas apenas por cansaço e medo dos riscos que corria, os quais punham em perigo a sua vida, a sua integridade física. E isso ele não queria, de modo algum.

Para poder dar o grande golpe, costumava ficar observando aqueles prédios do centro da cidade, observando as pessoas que neles entravam e deles saíam, tentando avaliá-las pelas roupas, sapatos e jóias que ostentassem, pois resolvera que esse grande golpe, que ele pudesse realizar sozinho, seria um se- questro.

Sequestro lhe pareceu menos perigoso e mais fácil de realizar sozinho e de obter uma boa soma de uma só vez. O importante é que tinha de ser muito bem planejado e melhor ainda executado, levando em conta cada detalhe, cada minúcia, cada pormenor, que tinha de ser todo ele armado, como um quebra- cabeça. E da mesma maneira que um quebra-cabeça, uma peça mal colocada, poria tudo a perder. Era preciso pensar, pensar muito. E também pesquisar, indagar, observar... Isso é o que ele iria fazer.

Capítulo III — INDAGAÇÕES

Ana Helena havia já notado a presença de um rapaz alto, claro e com um jeito de tão forte, tão

decidido! Apesar dessa aparência toda, ela sabia, contra toda a observação do visual, dentro dela mesma, sem nenhuma razão lógica para isso, que ele era frágil, ou que, pelo menos, se encontrava, no momento, fragilizado e que estaria até precisando da força dela...

- Que coisas bobas eu estou pensando! - chegou Ana Helena a dizer a si mesma, subindo de elevador para a sua sala de trabalho, depois de ter visto Luís Pedro, pela segunda vez, nas imediações do prédio e de ter tido de novo, a mesma estranha impressão.

- Que cara séria! Parece que você está discutindo consigo mesma e não consegue chegar a um acordo! - falou Carlos, o seu colega de trabalho, que trabalhava na escrivania ao lado da sua e que era espírita, ao vê-la entrar na sala, naquela manhã.

- E estou mesmo discutindo comigo mesma, sem chegar a uma conclusão razoável. Pareço uma tonta, com as idéias bobas que me vêm à cabeça, às vezes.

- Que idéias? Conte-me. Às vezes não são tontas, são só diferentes das idéias corriqueiras do cotidiano e podem ter uma explicação mais lógica e mais profunda do que a simples tontice.

- Eh! Lá vem você com o seu espiritismo! Não é nada disso, é bobagem mesmo.

- Pois me conte então. Vamos ver do que se trata. Você parece estar tão preocupada! Que seja ao menos para que você não fique com esse "grilo" na cabeça.

- E mesmo bobagem. Imagine você que hoje, antes de entrar aqui, eu vi um rapaz louro, alto, com cara de super-herói, forte, autoconfiante e valente. É a segunda vez que eu o vejo. De repente, olhando para ele, eu soube, por alguma razão que eu não sei explicar que, apesar daquela aparência, ele estava muito frágil, muito inseguro, precisando de ajuda, da minha ajuda. E tenho também a impressão de que eu o conheço há muito, muito tempo, apesar de me lembrar que o vi hoje pela segunda vez, somente.

- Ele parecia pobre, andrajoso ou faminto?

- Não! Claro que não. Muito ao contrário, o moço estava muito bem vestido, até com uma certa elegância e bom gosto, roupas de boa qualidade, bem calçado, com relógio no pulo, corte de cabelo bem feito, bem barbeado...

- Puxa! Você observou desde os mínimos detalhes, hein!

- Não! Só dei uma olhada, mas tenho certeza que já o havia visto antes. Depois, eu sou mulher e das mais observadoras de detalhes desse tipo, que nos permitem situar as pessoas, na sua posição social...

- Quem sabe você já o conhece de outras vidas e de outras encarnações, ou então seria alguém enviado para ter um envolvimento nesta situação da sua vida atual...

- Ah! Eu sabia que você ia sair com alguma desse tipo! Para você tudo vira espiritismo, não é?

- Não, não é só para mim. E para todos nós. Está escrito lá, no livro dos espíritos, em resposta a uma pergunta de Kardec, que os espíritos estão muito mais presentes em nossas vidas do que nós supomos.

E é uma presença que nos influencia...

- Se você tropeça, ali na esquina, já vai achar que foi um espírito que o empurrou, por alguma razão...

- Não, não é assim. Pode até ser, mas não necessariamente. Agora se você está decidida a caminhar em frente e, de repente, sem nenhuma razão, dobra uma esquina e dá com alguém ou ocorre algum fato inusitado, enfim, algo que faça com que você sofra uma alteração em sua vida ou em sua conduta, ah!, aí então não há dúvida de que havia algum sentido naquela dobrada de esquina não planejada conscientemente por você.

- Mas, e o acaso?

- Não existe acaso.

- E um tropeção?

- **O** que você quer dizer com isso?

- Será que você não acredita num simples tropeção?
- É um acidente só. A não ser que vá determinar alguma mudança em sua vida.
- Então você acredita e prega o determinismo?
- Não, ao contrário. Eu acredito no livre arbítrio. Só que muitas coisas aparentemente casuais que acontecem em nossa vida, obedecem a um desejo nosso, consciente ou subconsciente, até da subconsciência do próprio espírito, se é que você me entende.

- Acho que entendi: você quer dizer que o espírito pretendeu que acontecesse tal ou tal coisa, para que outras possam ocorrer, segundo o que ele próprio pediu, em vida extraterrestre, para cumprir tal ou tal outro destino, necessário à sua evolução e aprendizagem e/ou provação ou expiação.

- Parabéns! Você sabe mais sobre o assunto do que eu supunha!

- Você se esquece de que eu leio muito? E toda essa literatura espírita me fascina muito, embora seja meio chata e "careta", às vezes. Só que tudo isso me fascina, mas ainda não me convenceu.

- Não importa. Nem eu quero convencê-la ou convertê-la. Só converso sobre o assunto quando você procura conversar sobre as suas indagações sem respostas, ou para expor idéia que lhe parece válida, dentro daquilo que você lê e assimila. Tenho o maior prazer e a maior boa vontade em esclarecer ou explicar alguma coisa que lhe pareça interessante, quando você me procura, por causa da minha militância no espiritismo, que é uma constante em minha vida.

- Mas então, diga-me alguma coisa a mais sobre o determinismo. Você disse que acredita em livre arbítrio. Então como é que fica essa colocação de que não existe acaso, que as coisas acontecem porque têm de acontecer?

- Eu acredito mesmo é no livre arbítrio e já explico. Desde o princípio, logo após a alegoria de Adão e Eva, lembra-se? Caim matou Abel e Deus o abordou, perguntando-lhe onde estava o seu irmão. Ele respondeu com maus modos e má vontade: "Acaso sou o guarda do meu irmão?" E então Deus disse a ele: "Vá. Tu deverás triunfar dos teus pecados." Deus não disse "tu triunfarás", mas "tu deverás triunfar dos teus pecados", conferindo-lhe o dever de triunfar, como uma obrigação de seu arbítrio; deveria triunfar e nesse caso, o mérito seria dele próprio, por ter ele cumprido o dever de triunfar e caso ele triunfasse, seria por conta dele próprio e não por uma imposição de Deus, do Seu poder, mas sim por mérito do próprio homem que pecou. Se Deus quisesse se impor pela Sua força e Seu poder, aí sim então haveria o determinismo e Deus lhe teria dito "Tu triunfarás" e o homem não teria mérito nenhum, seria apenas uma questão de tempo, pois estaria certo de que triunfaria, no final, podendo pecar à vontade.

- Nesse caso o livre arbítrio é uma faca de dois gumes: se Deus garantisse o triunfo do homem sobre o pecado, a gente poderia ficar bem mais sossegada, pois estaria implícita a salvação final, para todos, avalizada por Deus. E sendo assim, cada um terá de lutar sozinho pela sua própria salvação.

- Sozinho, mas livre. Terá liberdade para agir e escolher o seu caminho, só que se for o caminho pedregoso, terá de ralar o pé nas pedras que encontrar.

- Mas então como fica o determinismo, se as coisas não acontecem por acaso?

- A explicação mais lógica que eu encontro, segundo o que tenho lido e estudado é que as coisas acontecem, por intercessão da espiritualidade maior, no sentido de propiciar a realização daquilo que tenha sido combinado, na espiritualidade, antes da reencarnação. Então nossos guias protetores, que você chamaria de nossos anjos da guarda, e mais os nossos familiares desencarnados e mais adiantados, colaborariam conosco. Eles podem influir - e influem - para que tudo aconteça no sentido de favorecer ao espírito reencarnado, o cumprimento da promessa feita antes do nascimento ou encarnação, para a sua evolução, seja pagando suas dívidas e/ou subindo na escala do saber e da virtude, até atingir o equilíbrio perfeito, para a sua perfeição ou aperfeiçoamento espiritual.

- Vamos ver se eu entendi. Suponhamos que um espírito reencarnou para trabalhar no sentido de favorecer à humanidade, descobrindo a cura definitiva do câncer. Ele nasce, numa casa em que as pessoas são muito pobres. Ele não pode estudar, principalmente medicina ou alguma disciplina afim, para que possa ter acesso às descobertas já feitas, para encaminhá-lo no sentido do cumprimento de sua missão. Então o pai dele, por intercessão da espiritualidade maior, à medida que ele vai crescendo, vai melhorando de vida, conseguindo empregos melhores, até que, quando ele tem idade para entrar numa Universidade, os pais estão em condições de pagar essa Universidade ou então poderão conseguir uma bolsa de estudos e terão condições de complementá-la a fim de que o jovem tenha disponibilidade e conforto para realizar seus estudos e pesquisas.

- É isso mesmo. E as pessoas precisam entender que se tudo lhes corre bem, na vida, elas também têm obrigações maiores a cumprir. O pai em questão, poderia desvirtuar sua missão também, se desse para ser estróina e gastar consigo mesmo e com farras e bebidas o que passou a ganhar a mais. Aí ele estaria contraindo novas dívidas, ao invés de estar se aperfeiçoando, estaria se degradando, embora o livre arbítrio lhe facultasse outra escolha, que não a que era meta da espiritualidade maior, ajudando-o a melhorar de vida.

- Bom, mas em função do livre arbítrio, a coisa não é tão simples assim: o rapaz também poderia tomar outra decisão.

- Sim, claro, poderia. Só que a sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória: plantou, tem de colher o que plantou.

- Suponhamos que o moço arranje uma namorada, apaixone-se violentamente e resolva que não vai mais estudar, vai trabalhar para poder se casar.

- Ele tem o livre arbítrio, ele pode fazer isso, se quiser. Podemos considerar que sempre a sua "consciência espiritual" lhe dará um toque e pode até ser que ele volte a estudar, depois de casado e então com muito mais sacrifício, mas ainda assim pode conseguir seu propósito, nessa mesma encarnação. E pode ser também que ele morra ainda jovem, pois ele mesmo pode ter solicitado essa morte, caso ele se desviasse do compromisso assumido consigo mesmo. Pode ter havido, na espiritualidade maior, um pedido nestes termos: "se eu me desviar do meu caminho, peço, por favor, façam-me voltar, para que não contraia mais dívidas, ao invés de pagar o que devo". Aí então, o seu livre arbítrio também estará sendo respeitado.

- Tudo isso que você diz é tão lógico, tão racional que me espanta que, toda a minha leitura, os meus estudos e reflexões, não tenham me levado a essas mesmas conclusões, tão óbvias...

- É porque o fruto não cai da árvore, enquanto não estiver maduro.

Capítulo IV — PREPARANDO O SEQUESTRO

Ao abrir a porta para entrar no seu minúsculo apartamento, de um só quarto, com dois pequenos vãos, um que servia de cozinha e outro de banheiro. Luís Pedro sentiu cair sobre ele, como um fardo, o peso da solidão. E isso intrigou-o, pois desde que saíra de casa, esta era a primeira vez que se sentia só. Antes nunca tal sentimento o acometera.

- Será porque eu vi aquela moça me olhando com um certo enlevo e eu gostaria que ela estivesse aqui? - indagou-se ele. E continuou conjecturando: mas ela é bem bonita. E parece tão meiga e ao mesmo tempo tão forte! Que pena que, nos meus planos, não se incluam nem namoro nem casamento! Bom, é melhor parar de pensar bobagens e sonhar sonhos impossíveis e me concentrar nos planos do meu seques- tro.

Primeiro terei de pensar num bom jeito para abordar a pessoa a ser sequestrada, sem que eia se assuste, para não ter perigo de gritar e estragar tudo, logo de cara. Então veremos que tipo de

pessoa eu poderia sequestrar, sem correr esse risco inicial. Não poderia ser uma criança, que logo se assustaria e se poria a gritar, a menos que outras providências mais complicadas fossem tomadas, como uso de clorofórmio e... Não, isso complicaria muito e envolveria compra, com possibilidade de perguntas embaraçosas. Não daria certo.

Luís Pedro pôs a panelinha cheia de água sobre a chama do fogãozinho a gás, de duas bocas, que ele tinha, para preparar café, pois gostava de chegar em casa e logo fazer um café bem gostoso, para ir tomando devagarinho, enquanto ia fumando e arquitetando seus planos.

...E que tal se ele sequestrasse aquela moça bonita, que tanto o impressionara? A idéia lhe parecia cada vez mais simpática, à medida em que ia pensando e rememorando o jeito simpático da moça. Era também muito viável: ela estava sempre muito bem vestida, bem calçada, usava jóias e tinha um belo automóvel. Certamente deveria ter economia própria e pertencer a uma família de certas posses, via-se logo. Então se ela não pudesse pagar, a família pagaria: era melhor contar com duas possibilidades, ao invés de uma só, como seria no caso de uma criança.

... Depois de várias conjecturas desse tipo, ele olhou as horas e resolveu tomar banho, vestir-se e ir jantar num restaurante de classe média, situado nas vizinhanças, ou então numa lanchonete, bem próxima de seu prédio, que seria ainda mais barato. Estava mesmo precisando economizar, pois o dinheiro estava encurtando dia a dia, mesmo estando na poupança. Os preços subiam tanto que a gente nem conseguia acompanhar e por mais que se planejasse, acabava não dando, porque era imprevisível o aumento nas coisas de comer, a cada dia. Talvez nas outras coisas também. Ele não sabia porque, por economia, limitava-se a comprar, no momento, só o que comer.

À noite, deu umas voltas pelo centro da cidade, mas os preços dos teatros estavam muito altos e os dos cinemas, embora mais baixos, também estavam altos, para as suas minguadas economias. Além do mais, já vira quase todos os filmes em cartaz. Era um grande apreciador de cinema. Os cinemas eram, inclusive, um bom lugar para se "afanar" uns cobres de distraídos. Na saída, no meio da confusão e do aperto, geralmente conseguia pegar algum dinheiro solto nos bolsos, quando não, bolsas e carteiras, relógios e correntinhas. Pena que estas nem sempre eram de ouro. O pessoal andava usando muita bijuteria ultimamente, com medo de ladrões.

Na manhã seguinte decidiu que tinha de começar a trabalhar no planejamento do sequestro.

Procurando entabular conversa com o rapaz do bar mais próximo do prédio onde vira a moça entrar, ele poderia começar conversando sobre as moças bonitas que apareciam por lá.

- Aqui perto tem um prédio, aquele ali, do outro lado da rua - disse Luís Pedro, apontando o edifício para o moço do bar - ...onde eu vejo sempre entrarem umas moças muito bonitas. Elas trabalham lá? (ele já sabia que era uma repartição pública, pois já se dera ao trabalho de ir ler a placa, a qual dizia que era um órgão público, pertencente ao Ministério do Exterior). Ele preferia sempre parecer meio bobo e desinformado, o que sempre dava bom resultado. O seu sotaque sulino, que ele insistia em manter, sempre ajudava, pois os cariocas gostavam de mostrar sabedoria aos forasteiros.

- É uma repartição pública, sim senhor. E nela trabalham as funcionárias mais bem pagas do funcionalismo. São verdadeiras Marias Candelárias²: E são todas, ou quase todas, moças bonitas, de boas famílias, senhoras algumas, mas também bonitas e bem tratadas. Ganham bem e podem se cuidar, não são como as coitadas...

Luís Pedro cortou logo o papo socialista:

- Você conhece alguma delas?

- Bom, conhecer, conhecer mesmo, quem sou eu, né meu chapa. Mas dá para a gente ter uma idéia. Sabe como é, uma palavrinha aqui, outra li, conversas com o boy do elevador, com a faxineira,

²(*) Os cariocas chamavam as funcionárias protegidas e bem pagas de Maria Candelária. Havia até uma marchinha de carnaval sobre elas.

com o zelador do prédio: sempre se fica sabendo das coisas sobre elas.

- São muitas casadas?
- Não, só algumas. A maioria é moça solteira. Só que não muito solteiras...
- Como assim? A pessoa é solteira ou é casada.
- É que muitas têm os "casos" delas. Hoje chamam de "amizade colorida". Geralmente é com os diplomatas casados ou solteirões que não querem se prender, desses que vivem correndo mundo. Elas viajam muito e aproveitam a vida. Para que iam querer casar? Só mesmo as que se apaixonavam e encontravam homens que também por elas se apaixonavam e se amavam de verdade é que chegavam ao casamento, com todas as suas chatices e responsabilidades. Mas por que você quer saber tudo isso, ô cara?

- Espere aí. Nós somos amigos ou não somos? (Luís Pedro já vinha frequentando o bar havia alguns dias, sempre deixando uma generosa gorjeta, como parte da preparação da sua "operação sequestro").

- Bom, você é mesmo um cara legal. Mas, qual é a tua?

Luís Pedro já esperava essa pergunta e já havia se preparado para respondê-la.

- É que tem aí uma moça que me fez balançar, tremer as bases. Mas eu não quero entrar nessa assim de otário, nem mergulhar de cabeça, de olhos fechados, pois posso me dar mal. Também não quero fazer papel de bobo, gostando da moça e ficar de toca marcando bobeira.

- É só você me mostrar quem é ela que eu dou a ficha. Conheço todas. O pessoal aí é muito conservador, elas já trabalham aí faz tempo. E depois, se eu não souber, eu pergunto pros caras que trabalham aí e são do peito, depois te conto tudo. Tá bom?

- Primeiro eu quero saber se ela é casada. Quero também saber se ela tem algum caso, se mora com a família, quer dizer se é moça para casar ou para enrolar. Isso é a coisa que mais me interessa, morou? - disfarçou Luís Pedro, como se fosse um interesse amoroso.

- Ah!, isso é fácil. Do jeito que a Dirce faxineira gosta de fofocar, essa eu tiro de letra, se eu já não souber.

- Então amanhã, aí pelas oito e meia, nove horas o mais tardar, eu venho aqui te mostrar a moça, pois é mais ou menos nesse horário que ela costuma aparecer, depois de deixar o automóvel no estacionamento da rua de cima e descer por aqui, por este mesmo lado da calçada. A não ser quando chove. Então, nesse caso, ela vem de automóvel até a porta do prédio e um sujeito, de uniforme, leva o carro ao estacionamento para ela, depois vem e entrega a chave. Ela sempre fica esperando a chave, no saguão.

- Você está mesmo gamado peia moça, hein cara! Sabe de tudo sobre os movimentos dela!

Luís Pedro, com receio de se trair, sobre o seu plano de sequestro, tratou logo de disfarçar:

- Estou mesmo interessado nessa moça. Eu fico olhando para ela e esqueço da vida, nem olho para mais nada. E por isso que eu sei de todos esses passos que ela dá.

- Esse cara que você falou aí, que leva o carro dela, é um dos motoristas da repartição. Eles não têm ordem de trabalhar para os funcionários. Mas, em dia de chuva, fazem mesmo esses favores, principalmente para as mulheres.

Meio ressabiado, com medo de haver se traído, tratou de firmar mais sua posição de pseudo-apaixonado:

- É, o amor faz a gente ficar parando, devagar e quase bobo, sempre na dela. Antes que isso aconteça comigo, quero saber de tudo, observar bem as coisas, para não bancar o palhaço, senão a gente dança.

- E mesmo cara. Amor não é brincadeira. Depois que a gente entra na dela, não sai mais. Faz muito bem você de querer saber onde pisa, não ir de olhos fechados.

- Então posso contar com você?

- Claro, amigão - respondeu sorrindo o rapaz do bar, enquanto embolsava a generosa nota que

Luís Pedro lhe havia passado, discretamente, além da conta a cobrar, como gorjeta.

...No dia seguinte, pouco antes das nove horas da manhã, lá estavam os dois, por detrás do vidro da frente do bar, observando a rua.

- Será que ela vai faltar no serviço, logo hoje?

- Calma, ainda é cedo. Se ela é funcionária graduada, nem tem horário de ponto, no relógio. Pode chegar na hora que quiser.

...Logo surgiu o vulto lépido e elegante de Ana Helena, que caminhava meio apressadamente, pois já eram nove horas e embora ela não tivesse de assinar ponto, não gostava de chegar atrasada.

- Olhe! É aquela moça que vem vindo ali, andando depressa. Parece que está meio atrasada.

- Ah! É a dona Ana Helena! Essa eu conheço bastante! Já faz tempo que ela trabalha no serviço diplomático. É uma das graduadas. Nem tem de assinar ponto no relógio. Já faz mais de três anos que eu trabalho aqui no bar e ela já trabalhava aí. Deve ter começado bem mocinha, pois ainda é bem jovem.

- Então me conte tudo que você sabe sobre ela.

- Ela é solteira, deve ter uns vinte e cinco ou vinte e seis anos de idade. A família tem posses, mora em casa própria, em bairro de categoria e todos na casa têm carro próprio.

- Quem são esses todos que você fala?

- O pai, a mãe e um irmão mais novo, solteiro também. Ela tem outro irmão casado, mais velho do que ela, que mora em São Paulo e é um empresário bem sucedido. Tem família e a sua própria empresa.

- É, você sabe mesmo tudo sobre ela.

- É que ela é muito legal. Conversa com a gente. Fala de tudo, pois é barra limpa, não tem nada para esconder. Além disso, o que as pessoas não contam, conta a Dirce. Você acha que eu sei muita coisa?

- Eu acho.

- É porque você não conhece a Dirce. Aquela é capaz de dar até o cardápio diário da casa de cada um, daquela repartição.

I Você fala da outra, mas não fica atrás. Sabe mais do que a polícia e fala mais do que a boca.

- Que foi, ô cara, não gostou? Foi você que pediu.

- IMão, estou só brincando com você, lógico que fui eu que quis saber e perguntei. Não te grila não. Quer dizer que estão todos bem lá na família dela?

- Qual é, ô meu? Tá apaixonado pela moça ou tá querendo dar o golpe do baú? Com essa não. Eu simpatizo com a moça e acho que ela merece coisa melhor do que isso.

- Não, você não me entendeu. Eu gostei mesmo dela. Não te falei que estou parado na dela? Só estou perguntando porque sou muito envergonhado. Como é que eu vou chegar numa casa de gente de alta classe, sem saber como me comportar? Eu também não sou nenhum pé-rapado. Lá no sul, onde mora a minha gente, eu tenho meus negócios. Eu também sou empresário - mentiu Luís Pedro.

- Bom, pelo interesse que você demonstrou, em querer saber sobre as posses deles, eu pensei que...

- Não, não é nada disso - interrompeu-o Luís Pedro. É que tenho visto que o pessoal que tem dinheiro, por aqui, é muito cheio de pose e não é simples como o pessoal do sul, que mesmo tendo dinheiro, não costuma fazer pose. Não estou preocupado com a questão do dinheiro em si.

- Então, por que é?

- É porque eu quero saber como é que eles são, para ver como é que eu devo fazer para procurar um jeito de namorar a Ana Helena - disse Luís Pedro, procurando disfarçar e justificar seu interesse.

Mas, por dentro ele estava pensando que o que realmente interessava saber era se a família teria dinheiro disponível para pagar o resgate. E se não tivesse, se teria possibilidade de levantar esse

dinheiro, se era gente que teria bens e/ou crédito, para que ele pudesse contar que teriam com que pagar a quantia que ele estipulasse, quando sequestrasse a moça.

Era um bom disfarce, dizer que sentia um interesse romântico e sentimental pela moça. O amor sempre facilita a credibilidade, principalmente quando se trata de gente simples.

E assim Luís Pedro dava explicações ao moço do bar e ao mesmo tempo a si mesmo, querendo justificar uma paixão que ele achava que não sentia e servia de cobertura para o plano do sequestro. E a si mesmo ele justificava ao contrário, isto é que seu interesse não era a moça, mas o sequestro que estava planejando com tanto cuidado.

Mas será que ele estava enganando o seu informante, ou estava enganando a si próprio?

Enquanto isso, nos domínios do além, lá onde se situam os espíritos e onde executam o seu trabalho, aqueles que se interessavam por Luís Pedro e Ana Helena, já preparavam o ambiente para o desenrolar dos eventos que propiciariam o encontro entre os dois. E esse encontro, não seria apenas um encontro, mas um reencontro, conforme eles próprios o desejaram, para cumprir a missão que se impuseram, como parte do resgate de um passado que eles partilharam, ao longo do tempo.

Capítulo V — O SEQUESTRO

Sem que ela mesma percebesse a razão, Ana Helena esmerara na aparência e chegara um pouco mais cedo ao trabalho, naquela quinta-feira. E também passou mais devagar em frente ao bar, olhando disfarçadamente, para ver se enxergava o loirão outra vez. E claro que ela não confessaria isso nem a si mesma, pois porfiava em negar todo e qualquer interesse por um rapaz desconhecido.

Entre conhecidos, amigos e colegas, ela se descontraía, ria, brincava e até namorava um pouco. Jogava algum charme, mas deixava bem claro que não se interessava por uma relação mais profunda. Isto, desde que se envolvera, havia uns dois anos atrás, com um belo jovem desconhecido, quer dizer, fora do seu círculo de amizades. Ele acabara por se revelar um vigarista de marca, embrulhando-a num negócio de seguro e de aplicação de dinheiro, que lhe dera um prejuízo razoável. Ela costumava dizer que fora o preço que tivera de pagar pela sua ingenuidade. Mas agora, pensava ela, homem algum conseguiria enganá-la outra vez. E ela achava que só de olhar para um desconhecido, demonstrando interesse, já estaria correndo o risco de ser embrulhada de novo, pois qualquer homem logo veria que ela era uma boba.

Mas, apesar de tudo isso, na verdade, mesmo sem admiti-lo para si mesma, ela estava se interessando por aquele belo loiro desconhecido, que entrevira, já por duas vezes, no bar.

-* Bom dia, meninas - cumprimentou Ana Helena, ao entrar, deparando com duas colegas e a servente, que retirava o pó da sua escrivaninha, onde ela executava o seu trabalho quotidiano.

- Parece que você está achando o dia muito bonito mesmo - falou Márcia, após responder ao cumprimento.

- E, hoje estou contente e nem mesmo sei porquê.

- Está gostando do livro do Umberto Ecco que eu te emprestei? Eu, quando estou lendo um livro gostoso, bem do gênero que eu gosto, fico sempre contente e nem sei porquê, falou Isolina, a tradutora de italiano, sua grande amiga, que sempre lhe emprestava bons livros, principalmente de autores italianos e/ou sobre a Itália, que ela tanto amava e vivia tão distante, por causa dos pais velhinhos que ela cuidava, no Rio de Janeiro e que eram filhos de italianos, sendo ela, portanto, neta de italianos.

- Estóu gostando muito sim, embora não tanto quanto gostei de "Desafio a Vénus", de Charles Morgan. Esse eu amei. Como foi lindo conhecer algo das velhas famílias tradicionais italianas. Outro, no assunto, de que gostei muito, dos que você me emprestou foi "O Leopardo", do Conde de Lampedusa. Que atmosfera! Agora o assunto mais em voga é a Inquisição e, a propósito, o que eu li e gostei muito foi da peça "O judeu", de Bernardo Santareno, que relata numa narrativa dramática,

em três atos, a vida de Antônio José da Silva, o Judeu.

- Esse eu não conheço. Quem é esse judeu?

- É um grande dramaturgo da primeira metade do século dezoito, que monopolizou o teatro português durante cinco anos e foi queimado pela Inquisição aos trinta e quatro anos de idade.

- Que horror! É por isso que o meu catolicismo balança, muitas vezes.

- O meu já balançou há muito! Veja você as contradições: Joana D'Arc, queimada como herege, depois canonizada como santa...

- E essa de céu; inferno e purgatório. Como se as pessoas fossem todas certinhas, podendo ser catalogadas em boas, sem nunca errar, nem pecar, médias, que erraram só um pouquinho (e quem diria se foi pouco ou muito?) e as que não prestam mesmo para nada e devem queimar no fogo eterno. Que Deus imperfeito esse que só é capaz de amar os bons! A maioria das mães que eu conheço são melhores do que Ele, pois são capazes de amar filhos que não são lá essas maravilhas e são até mal-criados e grosseiros com elas e elas os perdoam.

- Ah! mas essa eu já tirei de letra: é pura ficção literária, que o Vaticano tirou do maior poeta italiano, Dante Alighieri, na sua obra "Divina Comédia" onde ele coloca o céu, o inferno e o purgatório para se vingar e criticar os seus desafetos...

- A gente sabe disso, mas existem ainda pessoas que sustentam como verdade incontesté e vivem no temor de um dia irem parar no inferno, pobrezinhas, não acreditam na misericórdia de Deus...

Por aí cessou a conversa das duas amigas, pois logo que chegaram às suas mesas de trabalho, verificaram que havia muito o que fazer e iniciaram o expediente do dia.

Como a hora do almoço fosse curta, almoçaram ali mesmo, no prédio, onde havia uma cantina limpa, agradável e com uma excelente cozinheira, ajudada por duas auxiliares e mais dois garçons, os quais se incumbiam de servir as mesinhas. Eles cuidavam muito bem do almoço de todos os funcionários, desde os mais humildes, até os mais categorizados. Era um número bem razoável de funcionários, cerca de uma centena e todos eram muito bem servidos.

Passada a hora do almoço, cada um voltava para o seu trabalho.

A tardezinha, cerca das dezessete horas, começavam a sair: primeiro os chefões e depois os outros, terminando com o pessoal da limpeza, que saía às dezoito horas.

Naquela quinta-feira, Ana Helena se empolgara com seu trabalho, um relatório cultural muito importante, sobre um país amigo e, com isso se atrasara. Quando tal coisa acontecia, o que era normal acontecer, tanto com ela, quanto com seus colegas, de vez em quando, isto é, quando alguém tinha algum trabalho importante, ou empolgante, para concluir, sabia que podia ficar até às dezoito horas, sem precisar avisar o pessoal da limpeza, nem o zelador, que já estavam acostumados com esse atraso, de alguns.

Ana Helena parou de escrever, pensou um pouco, contou as linhas que faltavam bater à máquina, para concluir o trabalho e constatou que ia dar para terminar, até às dezoito horas. Então daria para ela sair junto com o pessoal da limpeza, não seria preciso convocar funcionários para ficarem trabalhando em horas extras. Melhor assim, pensou ela e prosseguiu, sem interrupção, até às dezoito horas.

Eia saiu, ainda empolgada com o trabalho que concluía, nem estava mais se lembrando do tal rapaz louro.

Eis que, de repente, ele surge à sua frente.

Levou um susto, mas achou o susto agradável.

- Boa tarde! Já estava pensando que a senhorita não iria sair mais, ou que tivesse saído por alguma outra porta, sem que eu visse. Todos os seus colegas já saíram.

- Então o senhor esteve me espionando? E por quê? O que quer de mim? - perguntou Ana Helena, agora já um pouco assustada.

- Estive sim espionando a senhorita. Mas não se assuste. Não vou lhe fazer nenhum mal. Abra a porta do seu automóvel e entre. Eu entrarei também, pois vamos sair daqui juntos.

- Por quê? O senhor está doente? Precisa que eu o leve a algum lugar?

...Enquanto perguntava, Ana Helena olhava ao redor e percebia que não havia quase mais automóveis no estacionamento subterrâneo e que já estava meio escuro, sombrio e deserto. Mas, assim mesmo abriu a porta do carro, entrou e automaticamente destravou a porta do outro lado.

Luís Pedro entrou, sentou-se e virando-se para ela, repetiu:

— Não se assuste. Nada de mal vai lhe acontecer, se você seguir as instruções que eu for lhe dando pelo caminho, e continuar dirigindo normalmente. Caso contrário eu posso usar esta arma - e dizendo isso apontou-lhe um revólver.

Ana Helena ficou tensa, embora, por mais incrível que possa parecer, não sentisse nenhum medo. Parecia-lhe, apesar de tudo, que a situação estava sob controle. Só estava curiosa, para saber do que se tratava.

— Mas o que é isto? Você quer me obrigar, sob ameaça, a levá-lo a algum lugar? Essa é a sua maneira de pedir carona?

— Não, não se trata de nenhum tipo de pedido de carona: é algo muito mais sério: isto é um sequestro. Eu pretendo raptá-la e exigir resgate. Por enquanto vou levá-la ao meu apartamento e não tente fugir, nem reagir, pois seria muito pior. Não pretendo maltratá-la. Mas, se for preciso, eu atirarei. Não tenho nada a perder, pois já matei uma pessoa - mentiu Luís Pedro para impressioná-la, a fim de que ela não se sentisse encorajada a reagir, obrigando-o a tomar uma atitude mais drástica.

Nesse ponto Ana Helena ficou um pouco mais impressionada, assustada mesmo, e prometeu:

— Pode ficar tranquilo, eu não farei nada, não tentarei fugir, nem reagirei. Obedecerei as suas determinações, sem hesitar.

— Assim é melhor, para mim e para você também, pois eu pretendo tratá-la com todo o respeito à sua integridade física e mesmo moral. Não quero molestá-la, de maneira alguma e só farei isso se você me obrigar, com alguma atitude que possa pôr em risco a execução do meu plano. Como disse, não tenho intenção nenhuma de lhe fazer mal.

- Então por que está fazendo isso comigo?

- Só estou fazendo isto porque preciso muito do dinheiro que espero receber de resgate.

- Por que eu? Por que escolheu a mim?

- Porque você parece ter dinheiro e/ou pertencer a uma família que tenha. Além disso, uma família composta de adultos, formados e bem situados na vida, não teria muita dificuldade em despender um bom dinheiro, não haveria um prejuízo muito grande, nem envolveria necessidades maiores, como crianças. Enfim, tudo foi muito bem planejado, estudado e ponderado.

- E eu fui a premiada. Muito bem. Quer que eu agradeça a honraria?

- Ironia não lhe fica bem.

Rodaram em silêncio mais alguns quarteirões, sempre Ana Helena seguindo as instruções dadas por Luís Pedro.

- Como é que você sabe tanta coisa a respeito da minha família?

- Eu sei muito mais do que você pensa. Venho arquitetando este sequestro há muito tempo e planejei cada detalhe. Você e sua família foram objeto constante das minhas pesquisas e indagações, pelo menos durante uns três meses. Além disso, se vou ter de ficar confinado em um apartamento pequeno, como é o meu, por alguns dias, é melhor que seja com uma pessoa bonita e agradável como você: eu tenho bom gosto e não me sentiria confortável com uma pessoa feia do meu lado.

- Muito obrigada, parece que eu tenho mesmo muito a agradecer, por ter sido a escolhida.

- Já lhe pedi para não ironizar. Só estou explicando, porque você pediu, as razões da minha escolha. E, se quiser, posso continuar, como também posso parar.

- Continue, está muito interessante a sua explicação e até mesmo lisonjeira.

- Outra razão pela qual você foi "escolhida" é que me pareceu uma pessoa sensata e equilibrada. Eu não queria correr o risco de lidar com uma pessoa descontrolada, que gritasse, fizesse escândalo, chamasse a atenção. E parece que acertei na escolha, pois você não gritou, não brigou, não se descontrolou, enfim, diante de uma situação, no mínimo, perigosa e creio que também totalmente inusitada.

- E adiantaria qualquer atitude, qualquer reação? Eu sou, antes de tudo, racional.

- Mas, nem todas as pessoas, mulheres principalmente, seriam capazes de conservarem a calma, a ponto de serem racionais, diante de uma situação como esta. Reconheço isso e louvo sua atitude.

- Por que você está fazendo isto? Não consigo entender.

- Desculpe-me. Estou fazendo isto porque preciso. Aliás eu pensei muito, ponderei todos os prós e contras e esta é a minha única saída. E a única oportunidade que posso dar a mim mesmo, depois que me roubaram tudo.

- Quer dizer que você foi roubado?

- Ah! fui sim. Pode chamar perfeitamente de roubo, o que aconteceu comigo e com a minha família. Mas essa é uma longa história, que depois eu contarei a você, se você estiver a fim de ouvir e se não estiver sentindo muita raiva de mim. Mesmo porque, eu penso que nós teremos muito tempo para conversas.

...Enquanto ia falando isto tudo, Luís Pedro ia dando instruções sobre o caminho a seguir, para chegarem ao destino, isto é, ao apartamento dele, num bairro distante e meio escondido, que ficava numa espécie de beco sem saída. Era um correr de pequenos prédios iguais, finos e compridos, mas limpos e de construção recente.

- Estamos chegando. Sinto muito que não haja estacionamento. Seu automóvel vai ter de ficar na rua mesmo. Mas não se preocupe: aqui não existem trombadinhas e nem nada dessa espécie, que costuma riscar e depredar carros. Pode encostar aqui no meio-fio. Veja, não existem muitos carros e o movimento é pequeno. Esta é uma rua sossegada e sem saída.

...Desceram do automóvel, depois de devidamente trancado e entraram no prédio, ele segurando firme, no braço dela.

Ambos pareciam, a quem por ali passa-se, um belo casal, voltando para casa, num fim de tarde, depois de um dia de trabalho. Tinham até o aspecto feliz e tranquilo de quem está com a consciência em paz, por ter passado o dia no cumprimento do dever, trabalhando.

Capítulo VI — UMA BOA CONVERSA

Em casa do Sr. Paulo Fernandes, pai de Ana Helena, as pessoas já estavam começando a ficar preocupadas, com a demora dela, em regressar do trabalho. Não que ela, de vez em quando, não desse uma escapada de lazer, para jantar com amigos e/ou ir a um teatro, ou ainda a um cinema. Só que geralmente fazia isso na sexta-feira; quando telefonava e avisava em casa. O Sr. Paulo já estava meio intranquilo, mas, para não preocupar sua mulher, dizia-lhe:

- Marina, sossegue. Não há motivo para preocupação. Sua filha não é mais criança, aliás está ficando cada vez mais longe de ser criança - disse ele.

E, pelo modo dele falar, dona Marina percebeu, pelo muito que o conhecia, que ele também estava, no mínimo, inquieto: quando ele achava que havia algo de errado com alguns dos filhos, falava assim com a esposa, como se o filho em questão fosse só dela.

- Sim, Paulo, eu sei. Mas a esta hora, quase dez horas da noite, ela já deveria ter telefonado, se é que resolveu dar uma "esticada", como ela costuma fazer, depois do trabalho. Ela sempre telefona!

- Pode ser que esteja jantando em casa de amigos que não tenham telefone.
- Quem é que não tem telefone, hoje em dia? E depois, ela sempre poderia dar um jeito: existem os orelhões...

- Espere um pouco mais, com paciência. IMão fique nervosa à toa. Daqui a pouco ela vai telefonar e você vai ver que se aborreceu e se incomodou à toa, por nada. E como quando a gente vai ao dentista. Se a gente começa a pensar muito antes, a gente sofre por antecipação e...

' — Lá vem você com as suas teorias que não se aplicam ao caso presente. Além disso, estou com um certo pressentimento...

—...que são muito piores que as minhas teorias que você tanto critica. Deixe dessas bobagens de pressentimentos. Isso só serve para fazer você sofrer inutilmente.

Ana Helena e Luís Pedro entraram no prédio, subiram pela escada até o quarto andar, pois o edifício só tinha meia dúzia de andares, além do térreo e por isso, não contava com elevador.

Quando chegaram ao quarto andar, Luís Pedro parou diante da porta que tinha o número 45, tirou a chave do bolso e abriu o apartamento.

Ana Helena, que esperava um apartamento feio, mal arrumado e até bagunçado, por ser habitado por um homem sozinho, como ele já afirmara, ficou agradavelmente surpreendida.

Deparou com uma sala bonita, limpa, bem decorada, aproveitando bem os espaços. Dois grandes sofás sem braços, tendo aos lados mesinhas com flores e enfeites de bom gosto e tendo em cima estantes com livros e também com peças esculturais de cerâmica e cristal, não davam a idéia de que ali era também o quarto do apartamento, único quarto, aliás. Mas, percebia-se que os sofás abertos, transformavam-se em duas grandes e confortáveis camas turcas. Havia também, de um lado, numa estante comprida, um aparelho de som. A direita dessa sala, ficava o banheiro, pequeno mas bonito, limpo e completo. Estava também muito bem arrumado, nem parecia que era usado por um homem sozinho.

- Você tem empregada? — não pôde deixar de indagar Ana Helena, diante de tanta ordem e limpeza.

- IMão, por quê?

- Está tudo tão limpo e arrumado!

- É que eu fui criado por uma senhora mãe ordeira e exigente como ela só. E não deixava por menos: homem ou mulher tem de aprender a deixar limpo e arrumado o lugar em que vive.

Do outro lado, ficava uma cozinha minúscula que estava repleta, com o balcão, a pia, um fogão de duas bocas sobre o balcão da pia, onde havia ainda um minúsculo forno elétrico e um liquidificador. Ao lado, havia uma minúscula geladeira, rodeada de armários, que se prolongavam até quase o teto.

Observando tudo isso Ana Helena comentou:

- E bem equipado e muito prático, o seu apartamento, apesar de ser tão pequeno. Você o alugou assim?

- Não, aluguei-o vazio; quem cuidou de equi- pá-lo fui eu. Tudo eu fui comprando aos poucos, na medida das necessidades mais prementes.

- Pois está de parabéns; conheço poucos homens capazes de fazer o que você fez.

- Obrigado. Você pode escolher o lado que prefere ficar para dormir. Estes sofás transformam-se em camas. Pode ficar tranquila. Embora o apartamento seja só isto que você está vendo e não haja uma porta no meio para você ficar isolada, eu saberei respeitar a sua privacidade, na medida do possível. O banheiro tem chave. Eu me vestirei sempre no banheiro, para poupar-lhe um espetáculo que você não quererá assistir. Quanto a você, faça como quiser, que eu saberei respeitá-la.

- Você fala como se simplesmente eu tivesse vindo morar aqui. Será que não percebe a situação?

- Sim, eu percebo mais do que ninguém. Eu planejei tudo, em detalhes, como já lhe disse. E

estou executando o que foi planejado, da melhor forma possível, procurando não constrangê-la muito.

- Você não pensa em como estarão meus pais, agora? São quase dez horas da noite e eles já devem estar preocupados.

- Você não costuma dar umas saídas, de vez em quando, depois do horário de trabalho?

- Sim, mas raramente em outros dias da semana que não seja sexta-feira. E se às vezes acontece, eu sempre telefono avisando.

- Pois eu vou fazer isso: vou telefonar avisando que você me pediu para ligar, dizendo que foi jantar com amigos que não têm telefone e que depois vamos a uma boate e se ficar muito tarde, você dormirá na casa da sua colega italiana, a Isolina, onde você já dormiu algumas vezes, depois de algumas festas que se prolongaram até um pouco mais tarde.

- Até isso você sabe?

- Eu não disse que sabia tudo a seu respeito? E não foi difícil saber. Como você não tem nada a esconder, comenta tudo sobre a sua vida com as pessoas que a rodeiam. E algumas gostam de falar.

- E, você tem explicações para tudo mesmo.

- Bom, mas agora eu tenho de pensar em alimentá-la. Só estou preocupado em preparar algo para você comer. Você gosta de pizza? Eu tenho uma semipronta, na geladeira. E só colocar no forno, por uns vinte minutos. Você gostaria de tomar um banho antes?

- E muita gentileza sua me oferecer um banho. Só que eu costumo tomar banho e trocar de roupa.

- E você pensa que eu não planejei isso também? Comprei duas calcinhas, uma camisola e um roupão de banho. Para tomar banho e mudar de roupa para dormir, acho que chega, não é?

- Não sei se agradeço ou me enfureço, com todos esses preparativos. Isso indica premeditação e agrava o seu crime...

-...que eu ainda não cometi, pois por enquanto não usei de força para subjugá-la, nem exigi resgate...

-...mas usou arma.

- Você nem ligou para o meu revólver.

- Você que pensa. Fiquei tremendo e de pernas bambas, quando vi seu revólver apontado para mim.

- Não parecia que você estava com medo. Vamos aos fatos: se você preferir primeiro tomar banho, vou trancá-la no banheiro e vou telefonar para tranquilizar sua família, que, como você disse, já deve estar preocupada.

- E o resgate? Quanto você vai pedir?

- Isso tem tempo.

- Você não disse que planejou tudo?

- Sim, planejei inclusive que primeiro sondaria o terreno, depois estipularia o resgate. Primeiro vamos conversar, para eu poder fixar uma quantia, de modo a conseguir o máximo possível, sem contudo abalar a estrutura familiar dos Fernandes. Depois, veja, amanhã será sexta-feira, eles vão pensar que está trabalhando e só voltará à noite, para casa. Assim ganharei mais tempo. Amanhã à noite já terei fixado a quantia a ser pedida.

- Você não tem uma idéia formada de quanto seria?

- Não, nem quero falar nisso agora. Vamos aos nossos afazeres do momento: você vai tomar o seu banho e eu vou telefonar. Quando eu voltar, você nem terá acabado ainda, pois o orelhão é logo ali em frente. Assim nem sentirá que ficou presa. Vou nessa. Até logo.

- Até logo.

Luís Pedro, antes de transpor a porta, voltou-se e disse:

- Tem toalha limpa e nova para você, naquele armarinho fino e comprido que fica atrás da porta do banheiro. Você logo vai achá-lo, pois nem dá para abrir direito a porta, por causa dele. ...Mal soara a última badalada do relógio da parede, que marcara as dez horas, quando o senhor aulo, que cochilava diante da televisão ligada, foi despertado pela campainha do telefone.

Dona Marina, como estava acordada e era mais ágil, já estava atendendo.

E o senhor Paulo, ouviu-a dizendo:

- Sim, sim, é a mãe dela que está falando. Sim, sim senhor. Entendi muito bem. Então minha filha está bem e pediu para avisar. Sim, ela voltará para casa somente amanhã à noite, depois do trabalho. E o senhor, quem é mesmo? Ah! Luís Pedro, um amigo do casal que convidou Ana Helena para jantar...Está bem...Muito obrigada. Eu já estava começando a ficar preocupada, e o pai dela também. Está certo. Boa noite e muito obrigada, sim? Passe bem o senhor também!

- Notícias da Ana Helena?

- Sim, um rapaz que é amigo dos amigos dela, um casal, que a convidou para jantar, mas que ainda não tem telefone em casa.

- Moram onde?

- Não sei, ele não falou. Só disse que eles se mudaram para lá há pouco tempo e ainda não conseguiram a instalação do telefone. Então a Ana Helena pediu a esse Luís Pedro, para ligar, para nos tranquilizar.

- E esse jantar vai durar a noite inteira?

- Não, claro. Pelo que eu entendi, a turma de amigos e colegas da nossa filha, está toda lá. Vão depois para uma boate e depois ela vai dormir na casa da Isolina, onde já tem dormido algumas vezes.

- Então você já pode ficar sossegada e largar dessas bobagens de maus pressentimentos...

Dona Marina concordou, não respondeu nada, mas continuava preocupada, sem saber direito porquê.

Dona Marina, embora ela mesma não soubesse ainda, era médium intuitiva, além de ter também aquela natural intuição das mães que se preocupam com seus filhos e vivem orando por eles. Essas mães recebem a graça, quando fazem por merecê-la, de terem como assistentes de seus filhos, bons espíritos que, atendendo suas preces, olham por eles e avisam- nas quando correm perigo ou quando ocorre algum fato inusitado com eles.

Capítulo VII — O DINHEIRO DO RESGATE

Havia chovido de madrugada e o dia amanheceu' lindo, límpido e fresco, céu azul, sol dourado se refletindo em cada pingo de chuva que havia restado sobre a relva verdinha, ou sobre as flores multicoloridas dos jardins.

Luís Pedro, que amava a natureza, por ter sido criado muito próximo dela, num bonito vale, que era um verdadeiro vergel florido, sentiu-se tão encantado que lamentou, por um instante, não ter trazido Ana Helena, para compartilhar desse encantamento, para ver como o mundo estava bonito, aqui fora.

Ele saíra somente para comprar pão e leite, e a deixara dormindo, trancada no apartamento, que era muito seguro, porque não tinha telefone, que ela pudesse usar para chamar alguém e os vizinhos mais próximos estavam viajando.

Ele não pôde resistir à beleza do dia e acabou dando umas voltas, mas logo regressou, preocupado em não demorar muito.

- Já acordou? Quando saí, ainda há pouco, você dormia como um anjo.

- E você? Conseguiu dormir? A consciência não o acusou de nada?

- Para falar a verdade, acusou sim. E realmente não estou muito orgulhoso dos meus atos. Por isso estou procurando tornar tudo isto o menos desagradável possível, no que a você se refere. Veja, eu trouxe leite, pão, biscoitos, rosca doce, queijo, geléia...

- Você acha mesmo que com isso, tudo fica acertado. Barato se liquida...

- Não, não, perdão, não é isso. Eu só queria que você pelo menos se sentisse hóspede e não prisioneira.

- Mais do que tudo o que você comprou, valeu o tratamento respeitoso e o cuidado, o zelo, com que você preparou a cama para mim...

..."E você nem faz idéia, quanto esse respeito está me custando, sua diabinha linda e tentadora" - pensou Luís Pedro. Mas, ele respondeu em voz alta:

- Era o mínimo que eu podia fazer, diante das circunstâncias.

Depois de tomarem café, numa lauta mesa que Luís Pedro preparou, com uma mesinha de armar, encostada numa parede da minúscula cozinha, foram para a sala, que arrumaram juntos, conversando amistosamente.

- Quanto é que você acha que o seu pai poderia levantar em dinheiro, num banco, com possibilidade de pagar, sem que a família tenha de passar privações, ou se restringir nas suas comodidades?

- Ora essa, mas que pergunta! Então você acha que eu sou tão boba, que vá "entregar o ouro para o bandido"? E isso, literalmente, o que você está me pedindo, mocinho, ou melhor, bandido, pois você, neste "filme", é o bandido.

- É que eu não quero causar um prejuízo muito grande, nem deixar seu pai tio desesperado a ponto dele achar que a melhor e única solução seria mesmo chamar a polícia.

- Ah! bom. Agora acredito. Claro que não seria por simples consideração com a minha família!

- Seria hipocrisia minha dizer isso, uma vez que nem sequer conheço a sua família e a gente para ter consideração com alguém, precisa, no mínimo, conhecer.

- Como é que você diz e demonstra ter tanta consideração por mim?

- É que parece que eu conheci você durante toda a minha vida.

- E engraçado justamente você dizer isso e estar fazendo um ato de banditismo comigo. Mas o mais engraçado é que eu também tenho essa impressão, com relação a você. Eu tenho um amigo que daria uma explicação para isso: conhecimento de outras vidas, reencarnação.

- Bobagem! Eu também já ouvi falar nisso e até cheguei a ler alguma coisa sobre o assunto. Mas não acredito. E você, acredita em reencarnação?

- Não, eu também não acredito, apesar de achar que se povos muito mais avançados e de civilização bem mais antiga do que a nossa acreditam, isso merece um estudo mais profundo. Mas, você falou em leituras. Parece que você gosta muito de ler, como eu. Vi, aí na sua estante, livros que eu também já li.

- Sim, eu gosto mesmo muito de ler. Para mim, a leitura é o melhor lazer do mundo. Permite-nos entrar em contato com pessoas maravilhosas que se afinam com a gente. A propósito, isso me lembra um pensamento de Charles Morgan em "A fonte". Espere aí - e pegando um livro na estante, Luís Pedro abriu-o e leu "e daí lhe viera uma paixão do estudo, como um meio, não só de aprender, mas de associar-se com espíritos afins". É mais ou menos isso, que me leva a tanto gosto pela leitura. E também viajar. Já que não posso viajar, leio sobre os países e os conheço, às vezes até melhor do que quem esteve lá e não teve "olhos para ver", como um bom ator tem e nos transmite. Por exemplo, os livros de Agatha Christie me atraem, não pelos assuntos, que são crimes misteriosos, mas porque me faz conhecer o dia a dia na Inglaterra, como se eu lá tivesse estado, por meses e anos. Mas, você dizia algo sobre os livros da minha estante, desculpe, eu me empolguei pelo assunto e interrompi você. A que livros você se refere?

- Alguns como aqueles ali, na segunda fileira da estante: "O pequeno mundo de Don Camilo" e "Don

Camilo e seu rebanho", de Giovanni Guareschi. Foi uma amiga italiana que me emprestou e eu li em italiano mesmo, bem como este outro aqui - disse Ana Helena, pegando da estante o livro "A loira dolococé- fala", de Pitigrilli. Os dois primeiros me divertiram muito. Já os livros de Pitigrilli me angustiam, pelo seu amargo cinismo. Dizem que ele, no final da vida, tornou-se beato e se regenerou de sua vida perdulária e boêmia.

- É, eu li o Guareschi e também o Pitigrilli todo, o que parece um contra-senso. Mas a literatura italiana é mesmo cheia de contrastes. Gostei de ambos, cada um no seu gênero, no seu estilo próprio. Mas eu acho que quem sabe mais da vida, deste "mondo ca- ne" é o Pitigrilli. A doce ingenuidade e otimismo de Guareschi, expressos em Don Camilo, não retratam absolutamente a vida dura dos nossos dias.

- Estamos falando desses dois, mas, de modo algum eles são meus autores de cabeceira. Eu gosto de misticismo, de religião, de filosofia de vida. Enfim, algo que fale de coisas mais altas, que nos acrescentem algo, na ciência da vida.

- Você me parece uma beata. De que religião?

- Não sou beata, nem fanática. Aliás, nem professo nenhuma religião especificamente. Procuro sempre ler, a fim de conhecer e compreender Deus. Tenho necessidade de amar a Deus, mas só posso fazê-lo racionalmente. Não acredito em fé cega. Para mim a fé tem de ser real, racional e raciocinada, questionada. Em Deus, você também acredita, não é?

- Acredito sim, embora às vezes até preferisse ser ateu, não acreditar em nada. Mas, imagine se um sujeito chamado Luís Pedro Giampiero, criado com a família mesmo, uma família de verdade, composta de avós, paternos e maternos, tios, primos e agregados, não haveria de ter sido criado na religião católica apostólica romana!

- Então, como é que se explica que você tenha acabado com um plano de sequestro na cabeça? E o que ainda é pior, tenha levado esse plano às últimas consequências, me sequestrando?

- Ah! isso é uma longa história! Algum dia, talvez, eu possa contá-la a você. Vamos ver se você não vai ficar me odiando para sempre e nunca mais vai querer me ouvir, nem me ver.

- Isso vai depender de você, do modo como se comportar comigo e também...

- Deixe isso para lá. O que tiver de ser será. Voltando ao assunto religião. A fé católica, pelo menos a da minha gente, é muito simples, primitiva até. Talvez seja por isso que não explica muita coisa e nem proporciona grandes pesquisas filosóficas. Existem coisas das quais eles falam com a maior naturalidade e, nas quais eu, sinceramente, não acredito.

- Que coisas?

- Ah! são muitas.

- Cite ao menos uma.

- Céu e inferno, por exemplo. Confissões, indulgências e missas de defuntos, para que lhes sejam perdoados os pecados e eles possam ir para o céu. As indulgências, que servem para dar privilégios a pessoas bem situadas na vida, que podem viajar para o exterior, ir ao Vaticano ver o Papa, ter os seus pecados perdoados, com uma penada. O safado cheio de dinheiro, que morre e deixa uma fortuna para a Igreja, vai para o céu, pelas missas que pode pagar, pelas indulgências conquistadas com os seus milhões e pela boa vontade do pároco de sua cidade, que ficou com fartos bens?

- Não, não. Você tem razão. Isso é mesmo uma bobagem, ou pior, uma injustiça, que não combina com a idéia que a gente faz de Deus.

- Então você concorda comigo?

- Claro, seria muito burra se não concordasse. Mas, conte-me sobre a sua família.

- Eu já disse a você que é uma longa história que talvez um dia eu vá lhe contar, com todos os detalhes. Por enquanto só vou dar um breve resumo, para satisfazer a sua curiosidade. É uma família humilde, de vinhateiros trabalhadores que cuidavam da uva, desde o plantio até o produto acabado,

na garrafa. Começamos com suco de uva e depois nosso vinho já estava ficando famoso, em todo o Brasil. Imagine que o meu pai já estava falando até em exportar, quando a filoxera diminuiu a nossa produção e depois veio a enchente e foi o fim de todos os nossos sonhos e esperanças, como vinhateiros.

- O que é filoxera?

- É uma praga que ataca as parreiras. Trata-se de uma doença das vinhas, transmitida por uma execrável mosca verde, que leva à ruína e ao desespero, os camponeses europeus, principalmente aqueles cujo trabalho e a própria vida é toda dedicada á indústria do vinho. Quando se juntam essa praga, que felizmente o meu pai conseguiu dominar, e mais ainda a enchente, à qual ele não pôde...

- Eu vi, pela televisão, o horror que foram as enchentes, lá no sul.

- Você não viu nada! Eu estava lá e senti na carne: foram a minha casa, o nosso depósito, cheio de garrafas e barris, a nossa fábrica, com toda a maquinaria importada e adaptada pelo meu pai, os nossos parreirais, regados com o suor do meu avô, que passavam, levados pelas águas. As videiras foram arrancadas pelas raízes e levadas na enxurrada, com raiz e tudo. Por que Deus permitiu que isso tudo acontecesse? Pois tudo o que acontece não é com a Sua permissão? Por que Deus faria isso, já não digo comigo, mas com meu pai, com meu avô?

— Isso eu não posso responder e até compreendo a sua revolta. Mas como foi que você veio parar aqui no Rio de Janeiro? Sua família resolveu se mudar para cá?

— Não, eu vim sozinho. Abandonei a todos eles. Cada um que se cuide. Resolvi ser marginal, para tirar da vida, o que a vida tirou de mim.

— Ah! mas não é por aí! O caminho não é esse! E eu, o que foi que eu fiz? O que foi que eu tirei de você?

— Não estou culpando você de nada, nem pretendo magoá-la. Só quero uma boa soma de dinheiro, para poder começar vida nova e sair da marginalidade, que não me agrada.

— Então foi por isso que você me sequestrou? Até que a causa é boa. Quanto você pretende pedir de resgate?

— Cinco milhões chegam, pois darão para eu comprar um apartamento razoável para morar. Pode ser este aqui mesmo, assim haverá uma sobrinha para eu viver, até encontrar um emprego que dê ao menos para sobreviver com decência.

— E, eu acho que essa quantia meu pai poderia levantar e eu teria condições de dar uma parte das minhas economias e também ajudá-lo a pagar o regaste. Mesmo que ele tenha de pedir um empréstimo bancário, eu teria condições de ajudá-lo a pagar esse empréstimo, com parte dos meus vencimentos, que eu recebo pelo meu trabalho no Ministério do Exterior.

- Então eu calculei bem. Era isso mesmo que eu vinha pensando em pedir, sem causar grandes prejuízos. Logo mais, à noite vou telefonar a ele, pedindo essa quantia. Você acha que ele chamará a polícia, se eu disser que a sua vida correrá perigo, caso ele o faça?

- Não, não chamará. Ele não arriscaria a minha vida, por dinheiro nenhum e muito menos por uma quantia tão razoável. Depois que você tiver o dinheiro nas mãos, não vai mais furtar, nem roubar, nem assaltar nem sequestrar ninguém?

Ele deu uma gostosa risada, diante da ansiedade da pergunta dela.

- Não vou mesmo. Prometo a você que vou me regenerar: vou trabalhar.

Diante do riso dele, ela caiu em si.

- Eu não tenho nada com isso! O problema é seu. A mim você não tem de prometer nada.

Capítulo VIII — A TROCA

Quando o telefone tocou, mais ou menos na mesma hora que havia tocado na véspera, o senhor

Paulo foi atender bastante receoso. Eram já dez horas da noite e Ana Helena não havia chegado ainda, nem telefonado. Como eles não esperavam por isso, nem se tinham preocupado em telefonar no trabalho dela, para perguntar se teria ido trabalhar normalmente. Bem que isso ocorrera ao senhor Paulo, mas ele achou que estava sendo influenciado pelas idéias dramáticas da mulher e não verbalizou a idéia que, contudo, não deixava de incomodá-lo, agora, com a falta de notícias da filha, até essa hora da noite.

Portanto, não foi sem muita surpresa que ele ouviu:

- Sua filha foi sequestrada. Ela está agora em poder do sequestrador, que está, neste momento, com uma arma apontada para a cabeça dela, pronta para atirar.

O senhor Paulo ouvia sem interromper, sem quase respirar, sem nada dizer, porque não tinha voz, estava mudo e estático de puro pavor, também surpreso, embora já tivesse a impressão de que algo assim mesmo é que deveria estar ocorrendo com a sua filha. .

- Se o senhor contar a alguma pessoa, além de sua mulher ou seu filho rico, de São Paulo, os miolos dela escorrerão pelas paredes (gostei desse toque trágico, pensou Luís Pedro, rindo por dentro).

- O senhor tem até segunda-feira às cinco horas da tarde, ou melhor, às dezessete horas, para providenciar o dinheiro.

- Quan...to di...nheiro o se...nhor quer? - conseguiu perguntar com bastante esforço e gaguejando muito.

- Cinco milhões. Eu ligarei, de novo então, na segunda, à hora combinada, para dizer como o senhor deverá fazer para entregar o dinheiro, que deverá ser todo ele em notas de dez mil. E não tente ser esperto, porque poderá, com isso, perder a vida de sua filha. O senhor não há de querer receber, de volta, um cadáver.

O telefone foi desligado, antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa.

O senhor Paulo ficou ali, parado, com as pernas bambas, todo trêmulo, esperando pelo menos diminuir o ritmo das batidas do coração, que parecia querer saltar para fora do peito. Também esperava poder recuperar a sua voz normal, sem gaguejar, para poder falar com dona Marina, que estava na cozinha, esquentando o leite. Eles costumavam tomar um copo de leite quente, cada um, na hora de ir para a cama, a fim de dormirem sossegados. Diziam que um copo de leite quente, ao deitar, acalma, relaxa e prepara para o sono tranquilo e reparador.

Quando o senhor Paulo se sentiu com forças e um pouquinho melhor, foi à cozinha, para contar tudo a dona Marina e com ela desabafar e desengasgar o susto que parecia estar preso na sua garganta. Dona Marina ouviu quieta tudo o que ele tinha para dizer e depois retrucou:

- Eu sabia, eu sabia que alguma coisa tinha acontecido com a minha filha. Eu tive pressentimento; senti que alguma coisa estava errada. Meus pressentimentos nunca falham: os bons e os ruins; estes, de ontem e de hoje, eram ruins. Você perguntou como estava a nossa filha?

- Não, infelizmente não perguntei. Não tinha voz nem cabeça para raciocinar direito. A fala não safa e a cabeça deu um branco total. Mas, certamente, se obedecermos a tudo que o sequestrador determinar, ela nos será devolvida sã e salva, tenho a certeza.

- Você acha que eles vão soltá-la e não irão maltratá-la, nem um pouquinho? - falou, pensando, certamente, em quanto sua filha era bonita e talvez irresistível para certos tipos de homens grosseiros, que não sabem respeitar uma jovem.

- Acho sim. O sujeito só está interessado no dinheiro. E nem é tanto dinheiro! Vou hoje mesmo a São Paulo, pela ponte aérea, tenho certeza que o Paulinho me emprestará boa parte do dinheiro que o sequestrador quer. O resto eu completo com as minhas economias da poupança. Nem será preciso mexer nas economias da Ana Helena, embora eu possa fazê-lo, pois desde a última viagem dela para a Europa, ela resolveu colocar a poupança em conta conjunta conosco, lembra-se?

- Sim, eu me lembro. Eu agora também acho que tudo vai acabar bem e acho até que ela

mesma vai querer te ajudar a pagar o empréstimo que o Paulinho fizer.

- Então, com o empréstimo do Paulinho e as minhas economias, eu acho que consigo juntar os cinco milhões e...

- Nossa senhora! Você fala como se se tratasse da compra de um eletrodoméstico qualquer! Trata-se da vida da nossa filha!

-...que só correrá perigo se você sair falando por aí. Bico calado hein! Nem um pio a quem quer que seja!

- Você não vai mesmo chamar a polícia?

- Nem pensar! Quer que a sua filha seja assassinada?

- Deus me livre! Vire essa boca pra lá! Vou ficar só rezando e juro que até evitarei pensar no assunto, na presença de outras pessoas.

Sábado e domingo, por incrível que pareça, passaram depressa e agradavelmente, para Ana Helena e Luís Pedro, entre a execução de belas peças musicais de Khatchaturian, Radamés Gnattali, Rachmaninof e uma deliciosa peça de Rameau, século XVII, chamada Tambourin, que ela gostou muito, pois lembrava a música de uma historieta de sua infância e entre a leitura de trechos de livros bonitos e agradáveis como "A viagem", "A fonte" e "Sparkenbrooke", de Charles Morgan, e a agradável palestra decorrente da troca de impressões sobre essas notáveis manifestações da arte, que engrandecem o espírito.

- Eu nunca podia supor que você fosse um "morguista". Não são muitas as pessoas que entendem e apreciam Charles Morgan. Acham-no muito hermético.

- Pois eu gosto muito dele e independentemente de qualquer vinculação religiosa que ele possa ter, eu não sei qual seja, é ele o responsável por eu ter perdido o medo da morte.

- Eu também perdi o medo da morte, lendo Charles Morgan. Ele coloca a morte como a passagem para um novo reino, um lugar bom, para onde a gente vai e comunga com o universo, como se fosse uma viagem para a amplidão de um país distante, bem maior, um novo mundo. Lembra-se?

E ela declamou, de cor:

"Algum mortal, em meio à humana lida.

Lamenta acaso quem aqui repousa?

Chora o teu próprio exílio e não a minha vida!

Com a terra por mãe, o Sono por esposa -

O frios ventos hibernais, correi -

Que a primavera aqui tem imortal guarida.

Quem é que hesita? Um imbecil. Quem bate? O Rei.'|^;

- Pois é, esse era o poema inscrito no frontispício do seu túmulo, dele, lord Sparkenbrooke, a meu ver, o próprio Charles Morgan. E isso queria dizer que ele encarava a morte como uma realização pessoal, o coroamento de uma obra, o prêmio que se recebia, num lugar de eterna primavera. Isso se deduz, depois, lendo toda a obra. Enfim, ele tinha uma tal maneira de encarar a morte que os outros não entendiam - disse Luís Pedro.

- Mas é assim também que os espíritas encaram a morte: para quem viveu bem e cumpriu seu desígnio, a morte é uma realização. Aliás, eu me lembro que há um versículo bíblico que diz algo assim: "a morte foi tragada na vitória". Os espíritas pensam assim.

- É mesmo? Eu não entendo nada de espiritismo, mas estou de acordo com essa parte do espírita, que não tem medo da morte, pois eu também não tenho e espero algo melhor, do outro lado.

...Essas e outras conversas, no mesmo tom, fizeram com que o tempo passasse depressa e com que eles se conhecessem melhor e se entendessem melhor. Também descobriram que tinham muitas coisas em comum.

Na segunda-feira, pontualmente às dezessete horas. Luís Pedro telefonou para a casa de Ana Helena. O senhor Paulo atendeu!

- Sim, é Paulo quem faia.
- Sim, sou o pai de Ana Helena.

Respondeu Luís Pedro:

- Aqui é o sequestrador.
- Co...Como vai...a mi...minha filha? - consegui gaguejar o senhor Paulo.
- Ela está muito bem - respondeu Luís Pedro. Só que não pode vir ao telefone falar com o senhor, porque eu não estou nem perto de onde ela está, com o verdadeiro sequestrador, eu sou apenas seu emissário. Mas posso lhe garantir que ela está bem e assim estará quando o senhor encontrá-la, ainda hoje. - Es...tá bem. Pode dizer o...que eu devo fazer. Juro que...farei tudo certinho...como o se...nhor mandar - afirmou ele, ainda um pouco gaguejante, mas já um pouco mais confiante.

- Preste bem atenção: perto de sua casa existe um supermercado que fica aberto até às dez horas da noite.

- Sim, sim, eu sei onde é.
- ...Às nove horas, em ponto, portanto uma hora antes de fechar, o senhor deverá chegar, com uma sacola comum, na qual estarão cinco saquinhos de papel pardo, cada um contendo um milhão, em notas de dez mil. O senhor deixará a sacola no escaninho da portaria e a moça lhe dará uma placa de metal, contendo o número do escaninho. O senhor entrará, comprará alguma coisa e na saída, disfarçadamente, o senhor deixará cair a placa do número no chão e a empurrará com o pé, sob o balcão do caixa número três, à direita de quem entra. Entendeu?

- Sim, entendi. Devo ir ao supermercado, levando uma sacola comum, na qual deverá estar o dinheiro, em saquinhos pardos, com um milhão, cada um, em notas de dez mil. Devo deixar essa sacola no escaninho, pegar o número e deixá-lo cair junto ao terceiro caixa, à direita de quem entra e...

- Certo, já vi que o senhor entendeu tudo muito bem.
- O senhor foi bastante claro e simples, na parte que se refere aos seus interesses. E os meus, como ficam?

- Calma. Já chegaremos lá. Um aviso ainda: durante todo o tempo, o senhor deverá estar sozinho e estará sob a mira de dois assassinos profissionais: um com o revólver encostado na cabeça da sua filha, outro, estará todo o tempo voltado para o senhor, fazendo mira na sua cabeça, também - mentiu Luís Pedro, para amedrontar o senhor Paulo, a fim de que ele não tivesse dúvida em obedecer às exigências feitas.

- Mas, e a minha filha? Como e quando eu a terei de volta?
- Ela estará ao lado do seu automóvel, que deverá estar no estacionamento do supermercado, esperando pelo senhor.

L - Ela estará amarrada? Amordaçada?

- Não, nada disso. Ela estará muito bem e quietinha, nada fará, para não colocar em risco a sua vida, que ela saberá que estará sob a mira de um pistoleiro profissional, que não erra. E ela também, mesmo depois que se afastar, para chegar até o carro, seguindo nossas instruções, estará sob a mira do outro matador. Ela sabe muito bem que não estamos brincando e não abusará da nossa confiança.

- Sim senhor, está certo. Diga mesmo a ela, da minha parte, que deve obedecer direitinho e que eu farei a minha parte. O importante é que tudo acabe bem. Tudo será feito conforme o senhor determinou.

...Um clique demonstrou o fim da ligação. O senhor Paulo chamou dona Marina e foram ambos para o quarto e começaram a contar o dinheiro e colocá-lo nos saquinhos de papel pardo, que felizmente eles tinham bastante, em casa, pois dona Marina os usava para guardar suas folhas secas de fazer os diversos tipos de chá, que eia gostava de tomar, para os seus males, ao invés de remédios de

farmácia. Arrumaram os saquinhos com as quantias adequadas, tudo conforme as determinações do sequestrador.

As oito e meia o senhor Paulo saiu, sozinho, dirigindo o seu automóvel, na direção do supermercado. Ao seu lado, uma sacola simples, tecida em fios plásticos, em cores fortes, levava os cinco milhões exigidos pelo sequestrador.

Ao contrário do que era de se esperar, o senhor Paulo estava calmo e sabia o que iria fazer, e o faria, com certeza, bem certo, a fim de que tudo acabasse bem. Tinha certeza de que tudo iria dar certo e que, em pouco tempo mais, ele estaria abraçando a filha.

Dona Marina ficara rezando, mas também estava calma: ninguém sabia de nada, nem mesmo o seu filho que morava junto, na casa. Somente ela, o marido e o filho que morava em São Paulo, pois fora ele quem ajudara a conseguir o dinheiro. E isso o sequestrador sabia que teria de ser feito assim mesmo e não fizera nenhuma objeção. Estavam, portanto, cumprindo rigorosamente o trato com ele; não haveria razão para que ele também não cumprisse a promessa de entregar Ana Helena ainda hoje mesmo.

No apartamento de Luís Pedro também estavam ambos calmos e prontos para completar a parte deles no plano.

Ana Helena nada sabia, quanto às ameaças feitas ao pai dela por telefone. Ela só sabia que o pai iria deixar o dinheiro numa sacola, no escaninho do supermercado mais próximo de sua casa e que o número do escaninho para retirar a sacola com o dinheiro, estaria sob o balcão do caixa número três, à direita de quem entra. E que, ao chegar ao supermercado, ela deveria se dirigir ao estacionamento, com o carro dela e depois sair dele e ficar ao lado do carro do pai dela, esperando-o. Depois que o pai a visse e falasse com ela, deveria voltar para o seu próprio automóvel e segui-lo até em casa. Estaria assim terminado o sequestrador.

- E o dinheiro? - indagou Ana Helena, quando Luís Pedro lhe relatou essa parte final do plano.

- O resto é comigo. Sua parte finaliza no encontro com o seu pai.

- E você, que mais deverá fazer, seguindo o seu plano?

- Eu me despedirei de você diante do supermercado, para sempre. Nunca mais nos veremos. Eu não estarei mais no apartamento que você conhece, nem mesmo no Rio de Janeiro, pois faz parte do plano a minha partida, para bem longe, ainda esta noite.

Ana Helena admirou-se de sentir uma ponta de tristeza e algo assim como uma saudade por antecipação.

- Parte como? De avião? De ônibus? De trem?

- Ainda não resolvi e nem sei. E se soubesse nada lhe diria, minha cara amiga, embora a gente tenha desenvolvido uma boa amizade e, talvez até, por que não, uma certa estima recíproca.

...No pensamento dos dois, cada um procurando esconder do outro, havia a tristeza de uma separação, cuja tristeza a ambos surpreendia, por ser estranha, entre um sequestrador e a sua seqifestrada, que deveria estar muito feliz e se sentindo aliviada por poder enfim voltar para casa, livrando-se do bandido que a mantivera prisioneira.

Só que eles não sabiam, embora sentissem, que não poderiam mais se separar, agora que haviam conseguido se encontrar.

Muitas vezes diz-se que os namorados não raciocinam, que o amor lhes embota a razão, que ficam bobos e que só ouvem o coração e não a razão, que o amor não é racional, enfim tudo isso que se diz, querendo desmerecer o amor e menosprezar os namorados, faz parte dos planos de Deus, para que os homens possam realizar o seu sonho, cumprir o seu destino na Terra; destino esse, que eles próprios pediram e escolheram e não que lhes tenha sido imposto, pois Deus deu ao homem, além da capacidade de amar, o livre arbítrio.

Capítulo IX — SOLIDÃO

Depois de retirar a sacola com o dinheiro do escaninho do supermercado, entregando a fichinha numerada para a moça, Luís Pedro voltou para o apartamento, pois não tinha nenhuma intenção mesmo de viajar. Ele só havia dito que viajaria, para despistar, para confundir, caso a família de Ana Helena resolvesse chamar a polícia, a fim de recuperar o dinheiro. Mas ele não acreditava muito que fizessem isso, pois a quantia pedida não representava muito prejuízo para eles. Nada que compensasse um envolvimento com a polícia.

Ao abrir a porta para entrar, Luís Pedro achou o apartamento muito triste e vazio e uma sensação imensa de solidão tomou conta de todo o seu ser.

Havia sobre a mesa, ainda, vestígios do último jantar. Ana Helena fizera questão de lavar pratos, copos e talheres 'para deixar tudo limpo, mas ele não tirara ainda a toalha da mesa, nem guardara a garrafa, na qual restara ainda um pouco de vinho.

Sentou-se na cadeira onde ela estivera sentada e ficou pensando, rememorando aqueles poucos dias. Afinal foram só quatro, que agora lhe pareciam ser os quatro dias mais agradáveis de sua vida.

Lembrou-se, palavra por palavra, do último diálogo.

-...e já que estamos conversando sobre sentimentos, o que você acha do amor? - indagou ele.

- Acho que o amor, qualquer tipo de amor, inclusive fraterno, materno, esses todos, são as coisas mais importantes da vida da gente - falou Ana Helena.

- Por que você acha isso?

- Porque todas as pessoas procuram, na vida, aprovação, aceitação. E só aqueles que nos amam, nos aprovam e nos aceitam, tal qual somos, sem querer mudar a gente.

- E mesmo. Também acho que...

- Espere. Deixe-me concluir meu pensamento. Veja você, pai, mãe, às vezes até irmãos. Mesmo que a gente brigue, responda de mau humor ou faça enfim qualquer tipo de desaforo, nos perdoam. É por isso que as pessoas, geralmente bem educadas e gentis com estranhos, em casa, no convívio diário, não são a mesma coisa. Mãe então, nem se fala: por isso é que é com ela que geralmente somos mais grosseiros e malcriados, principalmente se se tem uma boa mãe que nos ama tanto quanto a amamos e temos certeza do seu perdão - explicou Ana Helena.

- Sabe que você tem mesmo razão? Eu nunca havia pensado nisso antes. Você está me ensinando muitas coisas. E verdade que abusamos das nossas mães porque temos certeza do seu amor que a tudo nos perdoa. Mas, e o amor-paixão, o amor homem-mulher, o que você pensa dele? - indagou, muito interessado, Luís Pedro.

- Acho também muito importante. Talvez o mais importante. Não, é mesmo o mais importante, pois é dele que nasce a vida. E com ele que o mundo cresce. Em termos emocionais eu penso que a razão maior de viver, se enfeitar, progredir, criar beleza e arte, é o amor entre dois seres. E o amor que leva o ser humano a ser melhor. O amor legítimo, sadio, faz com que procuremos nos aprimorar, por dentro e por fora, para sermos dignos de quem amamos e por quem desejamos ser também amados...

...Essas palavras ecoavam ainda em sua memória, pois tinham sido ditas nesse mesmo dia, durante a tarde.

Quanta coisa acontecera desde então! Tudo parecia já tão distante! E fora apenas hoje.

Ele queria ficar ali, lembrando tudo, como quem conta moedas de ouro para amearhar: ele estava juntando o seu tesouro de recordações, para com ele enriquecer sua vida e preencher suas horas de angústia e solidão.

Nunca Luís Pedro supôs que fosse sofrer tanto a ausência de uma pessoa, quanto estava sofrendo com a ausência de Ana Helena!

Tinha a estranha impressão de que nunca vivera sem ela. Que a sua vida antes dela, nem contava.

Que só importavam os momentos que partilhara com ela. Lembrou-se até do poema de Florbela Espanca que dizia: "quero viver de novo todos os momentos que não vivi junto do mar", ao qual seu coração parafraseava dizendo "quero viver de novo, todos os momentos que não vivi junto de Ana Helena".

Voltando a si dessa espécie de enlevo ele se recriminava: que absurdo sempre lhe pareceram tais sentimentos! Então talvez fosse mesmo verdade que o amor existisse, que não era uma invenção para vender romances, novelas e musiquetas sentimentalóides. Sempre duvidara do amor. Sempre pensara que os casamentos se faziam ao sabor das circunstâncias. Um homem e uma mulher se aproximavam, fosse para casamento ou para qualquer tipo de união, se lhes era conveniente. Geralmente os casamentos, no seu entender, se faziam quando as pessoas achavam conveniente, as famílias aprovavam, a sociedade aplaudia, os interesses combinavam e eles, se não fossem anti-páticos um para o outro, desenvolviam um bom convívio, criavam filhos e iam se apegando cada vez mais, com o tempo e os interesses comuns servindo para torná-los sempre mais e mais unidos. Nunca pensou que fosse assim: de repente uma pessoa transformava-se, para a gente, na pessoa mais importante do mundo. Parecia que a gente a conheceu a vida inteira e não dava mais para viver sem ela. Só que estar sentindo isso, agora, nas atuais circunstâncias, era uma rematada loucura. Não tinha nenhuma perspectiva de futuro, nenhuma esperança de aproximação e nem a menor possibilidade de retribuição. Então o seu amor estaria fadado a ser um amor unilateral, sem jamais poder ser vivenciado. Só ele seguiria pela vida a fora, sozinho, carregando no peito a angústia de um amor impossível.

Para ele seria verdade o que escrevera um dia Godofredo Rangel: "Pobre homem escravizado pelo ignoto. Sempre há de existir, no fundo do seu coração, o desejo de um sonho insatisfeito". Quando lera, achara muito piegas, romântica e irreal essa declaração do autor. Agora ele sentia na própria consciência, na própria mente, quão verdadeira era ela. Determinava até o futuro que o aguardava na vida: levar sempre dentro do seu coração aquele amor que era um sonho impossível. Sabia que nunca, mesmo que se regenerasse, mesmo que um dia se transformasse num homem de bem, mereceria o amor de Ana Helena, pois ela o veria sempre como um marginal que um dia a sequestrara, por dinheiro. E certamente Ana Helena haveria de encontrar alguém, do meio dela, que a merecesse, que estivesse à mesma altura. Ele porém, jamais teria a mais mínima das oportunidades junto ao seu coração.

...Contudo, é próprio do ser humano sonhar e isso, embora ele se esforçasse para permanecer no mundo real da impossibilidade, ele sonhava, mesmo sem querer. Então ele se via junto de Ana Helena, em lugares muito bonitos, chamando a atenção dela para a beleza das coisas que os rodeavam. A contemplação da beleza sempre leva o ser humano a ser melhor. O amor ao belo conduz ao belo pensamento e o belo pensamento leva à bela ação; é por isso que o amor, sendo belo, só pode levar às belas ações.

O amor que degrada, que avilta, não é amor. E paixão animalesca, que conduz à posse carnal, nunca à comunhão dos espíritos. Todas essas ponderações e conjecturas, que passavam pelo pensamento de Luís Pedro eram inspiradas pela espiritualidade maior, tendiam a levá-lo a assumir esse amor que ele tinha que admitir; já não dava mais para esconder de si mesmo.

Quando chegou a essa conclusão, então um desejo muito forte de regeneração, de renúncia, levou-o a tomar uma atitude: procurar Ana Helena e devolver a ela o dinheiro, o qual, em todos esses dias de pensar e repensar, não fora tocado por ele. Cada vez se envergonhava mais de deter a posse desse dinheiro e nem sequer olhava para o lugar onde o guardava, debaixo do balcão da pia da cozinha.

Estava planejando como haveria de fazer para abordar Ana Helena, sem assustá-la, quando ouviu umas batidas na porta, pois seu apartamento não tinha campainha. Ficou muito admirado com o inusitado do acontecimento, pois desde que ali morava, havia já alguns meses, nunca antes alguém

batera à sua porta.

Levantou-se lentamente, de onde estava sentado, olhando para o nada, ou para dentro de si mesmo, e foi, intrigado, abrir a porta e assim, resolver de vez o problema que o deixara tão curioso.

Quem poderia estar ali, batendo na porta de seu apartamento, se ele nunca dissera a ninguém onde morava?

Capítulo X — A DESCOBERTA DO AMOR

Todos em casa de Ana Helena, isto é, o pai, a mãe, o irmão e até mesmo a empregada doméstica, notaram a alteração no comportamento da moça. Eles atribuíam o fato ao nervosismo, ao trauma do sequestro.

Somente às pessoas da casa fora relatado o fato, com o pedido de que nada comentassem, com ninguém, nem mesmo tocassem no assunto com a própria Ana Helena, para poupá-la de lembranças desagradáveis.

Mas, os dias passavam e Ana Helena não voltava ao normal: parecia, ao contrário, cada vez mais estranha, esquisita, como que alienada de tudo, ensimesmada e triste.

Era mesmo verdade que ela estava voltada para dentro de si mesma, para as lembranças dos dois últimos dias, em que ela estivera confinada com o seu sequestrador.

Nesses dois dias ela sentia que havia se aproximado dele como jamais se aproximara de alguém em toda a sua vida: nem de seus pais ou de seus irmãos. E eles não haviam sequer se tocado: não tinha havido nem mesmo um gesto material de carinho. Todo o carinho, toda a imensa ternura que fluíra entre ambos, enquanto conversavam, advinha da permuta de idéias e de sentimentos afins.

Era isso o que Ana Helena sentira e agora, parecia-lhe impossível continuar vivendo sem a sua fonte, sem o seu manancial que parecia jorrar para ela, tudo quanto lhe carecera até então e durante toda a sua vida. Não que lhe tivesse faltado o amor e o carinho por parte dos seus familiares ou dos seus amigos: não era isso. Apenas ela sentia que nunca antes experimentara essa qualidade de ternura dirigida a ela, como se ela, só ela e mais ninguém existisse no mundo, que realmente importasse, que realmente contasse e por quem todos os sacrifícios seriam feitos, de bom grado. Pensava que ele a fizera sentir-se uma rainha. Mas não, não era uma rainha, era muito mais que isso, era uma deusa, que retivesse em suas mãos seu corpo, sua alma, seu destino.

"Luz que me guia na manhã florida, tu és na tela azúlea do meu sonho, a el-dorada visão da minha vida"

Em suas lembranças ela via nos olhos dele refletida toda a poética de Luís Otávio que se expressava nesses belos versos que ela sempre admirou e que nunca ambicionou tanto, isto é, sentir-se ela própria tão altamente valorizada, pelo sentimento de alguém que a amasse tanto. E agora ela sabia e sentia que era, para ele, tudo aquilo, que era, na verdade a luz que haveria de guiá-lo, em todas as manhãs floridas de suas vidas.

E também a sua imaginação se povoava de sonhos, nos quais ela, junto dele, caminhava pelo mesmo caminho, em busca do mesmo ideal.

Mas, também como ele, ela voltava ao mundo real, cheia de angústia, na certeza da impossibilidade de realizar o sonho de amor que acalentava.

- Acho que eu é que coloquei nele tudo isso: eu sonhava, talvez inconscientemente e quando o vi, personalizei nele o meu sonho - explicava ela a si mesma, em silêncio. Só que o final da frase fora dito em voz alta, sem que ela o percebesse.

- Em quem você personalizou que sonho? - indagou Carlos que, trabalhando ao seu lado, ouvira.

- Nada, bobagem. Eu só estava pensando em voz alta, e nem percebi, tão absorta estava.

- Você, tão sensata e racional, falando em voz alta, absorta e personalizando sonho? Isso é tão estranho! Eu estou achando mesmo que depois que você voltou da casa da sua tia em Curitiba, você está muito mudada.

- O quê? Mudada eu? Em que? E de que tia você está falando aí? - indagou Ana Helena, esquecida de que os seus dias de ausência do trabalho foram explicados com uma viagem urgente a Curitiba, para cuidar de uma tia doente e solitária.

- O que foi, que tia, pergunto eu. Está me parecendo que nessa visita à tia doente e solitária você é que não ficou solitária nem doente, ao contrário, parece mais cheia de vida do que nunca. Eu diria até que você deve ter se apaixonado por lá violentamente, a ponto de transparecer nesse seu ar de felicidade sonhadora, que te deixa tão distraída e "absorta", perdida em sonhos e falando sem sentir, como se falasse em sonho.

- Não, nada disso. É que eu tenho estado preocupada com outros assuntos...

Carlos estranhou que ela só falasse assim e que não se defendesse com a veemência costumeira, diante de qualquer alusão a ter se apaixonado por alguém. E resolveu ir fundo ao assunto, pois queria muito bem a amiga e achava que talvez pudesse ajudá-la, de alguma forma, se insistisse.

- E esses outros assuntos também são sonhos? Conte-me. A filosofia espiritualista explica muitos deles.

- Pois olhe aqui, Carlos. Desta vez eu não vou censurá-lo por dar sempre um jeito de falar em espiritismo comigo. Até ao contrário. Vou pedir mais. Vou pedir algumas explicações, mas não me pergunte muito, só responda, para eu não me sentir constrangida.

- Pois não, pode falar, sou todo ouvidos.

- Você acha mesmo, com bases lógicas, que a gente pode, de repente, conhecer uma pessoa e ficar gostando dela, de forma total e absoluta, porque existe um compromisso anterior, assumido na espiritualidade?

- Não só acho, como tenho a certeza de que isso pode perfeitamente acontecer. *Poderia* até relatar a você inúmeros fatos, que são a prova cabal *de* que isso realmente acontece. Existem pesquisas muito sérias sobre o assunto. E, geralmente, nesses casos, trata-se de criaturas que já estavam vinculadas pelo amor, desde outras vidas, nas quais provavelmente se amaram, mas não souberam vivenciar esse amor.

Agora vêm confirmá-lo e aprimorá-lo, no cumprimento de uma uma missão, na qual prometeram ajudarem- se mutuamente - respondeu Carlos, inspirado, sem que ele mesmo o soubesse, por espíritos superiores e amigos, que procuravam ajudar a aproximação entre Luís Pedro e Ana Helena, para que cumprissem o compromisso assumido, quando ainda não reencarnados.

- Suas palavras me tocam e me dizem respeito muito mais do que você pode imaginar. Você tem certeza do que está falando? Fala mesmo com convicção ou está sendo romântico?

- Também respondo como você: estou falando sério, muito mais do que você pensa, pois como sou médium intuitivo, isto é, executo a minha mediação com o alto como espírita convicto que sou, através da intuição, sinto que as minhas palavras são ditas aqui e agora a você porque assim tem de ser, num plano mais alto e mais sábio que o nosso, o qual interfere em nossas vidas muito mais do que merecemos e acreditamos.

- Ai! Agora até fiquei arrepiada, como se um sopro de sobrenatural tivesse me tocado. Olhe só! - e dizendo isso, ela mostrou o braço, com os pêlos todos levantados.

- Mas, vamos lá. Diga-me uma coisa: se você encontrasse uma pessoa, em circunstâncias bem desagradáveis e adversas, mas, mesmo assim você sentisse por ela uma ternura imensa e soubesse que você poderá, se quiser, nunca mais encontrá-la, alijá-la totalmente de sua vida, ou que, ainda se quiser, poderá procurá-la e ir fundo nesse relacionamento, que tem tudo para não dar certo, o que você faria?

- Espere um pouco! Eu não entendi nada do que você disse. Que história mais confusa e

contraditória!

- Eu sei que é difícil de entender, pois é muito confuso mesmo tudo isso que eu tento entender, mas acho tão complicado! Eu vou tentar explicar, exemplificando, pois é importante para mim que você entenda e possa me aconselhar ou esclarecer, de alguma forma.

- Vamos lá. Exemplificando então.

- Suponhamos que você seja assaltado na rua por uma moça. Que você, ao ver a moça, sinta que a conhece muito bem, sabe, no fundo de si mesmo que ela não é uma assaltante, pelo menos não nos moldes que você conhece como sendo uma assaltante e que você até simpatize muito com ela.

- Simpatize?

- Vá lá. Que você sinta que, por alguma razão absurda e inexplicável, ama essa moça, como jamais amou em sua vida. Ela o assalta e foge, com o produto do roubo. Mas, você sabe, da mesma maneira absurda e inexplicável, que ela também gostou de você e embora a razão a mande fugir, ela não fugirá, para lhe dar uma oportunidade de se aproximar dela, de procurá-la. Você a procuraria?

- Mas, é evidente que sim, ainda mais na minha condição de espírita convicto. De acordo com a minha crença espírita kardecista, não existe acaso. Se aquela moça, entre todas as moças, foi quem se aproximou de mim e ainda mais eu sentindo por ela um sentimento nobre e maior como é o amor, apesar das circunstâncias adversas, é sinal de que o espírito dela e o meu, têm um compromisso.

...Ana Helena não perguntou mais nada. Fechou-se de novo em seu mutismo de ultimamente e Carlos, na qualidade de espírita, fez uma prece silenciosa, pedindo aos guias espirituais que orientassem Ana Helena, no sentido de que ela pudesse tomar uma decisão certa, fosse qual fosse o seu problema, pois para ele era evidente que ela lutava consigo mesma, à procura de uma saída, num labirinto de emoções contraditórias.

E era realmente o que acontecia no íntimo de Ana Helena, pois ela estava se desconhecendo, em face dos sentimentos que a floravam em sua emoção, ela não queria aceitar, ela não queria admitir que estava sentindo, o que realmente estava tomando conta de toda a sua emoção, toda a sua alma, todo o seu sentimento e a sua capacidade de sentir.

...Enfim, Ana Helena estava amando, sentia que a vida não teria mais sentido para ela, sem Luís Pedro e que, do mais profundo de si mesma vinha também a certeza de que esse sentimento tão grande era recíproco e ela sentia como um laço que prendia a ambos, um ao outro e que ali, dentro desse laço é que se situava o mundo deles, a vida deles, não importando o que os outros achassem ou pensassem.

Capítulo XI — REVELAÇÃO DO AMOR

Quando Luís Pedro abriu a porta, não disse uma palavra.

Nem ela. Apenas caíram nos braços um do outro, chorando como se fossem duas crianças desamparadas que se encontrassem e não se envergonhassem das lágrimas.

Aí sim, depois das lágrimas, vieram os carinhos e trocaram mil beijos e mil afagos: todos os beijos, carinhos e afagos que ficaram guardados e reprimidos durante só Deus sabia quanto tempo, à espera de um momento como esse. Esse momento supremo para cada ser espiritual que é o momento do reencontro de duas almas desencontradas no tempo e no espaço, por força da própria iniquidade, por castigo a si mesmos imposto, para merecerem um dia, a glória final de ficarem outra vez juntos.

A magia desse momento era tão forte que, por um instante, o mundo para eles parou, luminoso, claro, esplêndido, como se a própria natureza também tivesse sido tocada, também tivesse sentido a emoção sublime daquele reencontro.

- Como foi que você veio? Por que foi que você veio?

- Não diga nada. Eu estou aqui, não basta?
- Ah! sim, basta. É mais do que eu ousava esperar. Aliás eu já estava de saída para procurá-la, a pretexto de devolver o dinheiro do resgate, pois eu pretendo mesmo devolvê-lo. Não toquei nem mesmo em uma só nota. Dinheiro perdeu toda a importância, agora.
- Eu sei. Tinha a certeza de que você faria isso mesmo, até mesmo pareceu-me já tê-lo ouvido declarar antes que o dinheiro não valia mais nada, pois agora eram outros os valores que contavam.
- Mas como é que você podia saber?
- Não sei explicar como, mas eu sabia, dentro do meu coração.
- Entendo você, porque eu também sabia, dentro de mim mesmo, que entre nós não poderia haver adeus. Então eu tinha certeza de que a gente haveria de se reencontrar. Apenas eu não me atrevia sequer a sonhar que fosse você que viesse me procurar e muito menos que você também desejasse isso, tanto quanto eu. Mas, vamos, conte-me o que foi que a trouxe até aqui?
- Bom, primeiro foram os meus próprios pensamentos e o meu coração chorando de saudade. Depois foi uma conversa que eu tive ontem à tarde, sexta-feira, no final do expediente, com o Carlos, aquele meu colega e amigo que é espírita.
- E o que foi que ele lhe disse, que a levou a vir à minha procura, na certeza de me encontrar, se eu disse a você, naquele dia, que eu ia embora para longe?
- Bom, eu não tinha, nem nunca tive a certeza racional de que iria encontrar você, apenas eu sabia, dentro do meu coração, com o aval do amor e da esperança.
- Que coisa bonita de se dizer, Ana Helena! Mas você não me disse ainda o que foi que o Carlos lhe falou, que a impulsionou enfim a vir à minha procura.
- Entre outras coisas, ele disse que nós já devemos nos conhecer de outras vidas e eu não tive dúvida de que assim fosse, porque eu sinto que o conheço tanto e há tanto tempo!...
- Eu também sinto isso. E o que foi mais que ele disse?
- Disse que, quando tal fato acontece, quer dizer, quando há o reencontro de duas entidades espirituais ligadas por um grande afeto, é porque as pessoas se reencontram para cumprir alguma missão, executar algum ato, cujo compromisso tenha sido assumido ainda antes de ambos nascerem de novo na Terra, ou seja, antes mesmo de reencarnarem, como dizem os espíritas. Será que nós dois, juntos, temos algum compromisso assumido no além e agora tivemos a oportunidade de nos encontrarmos, para cum- pri-lo?
- Ah! isso eu não sei. Quanto a mim, tenho planos sim, para um futuro, para nós dois. Até já andei agindo nesse sentido. Só não sei, de sua parte, se você concordará com esse plano, que a inclui, sem que eu a tivesse consultado antes.
- Eu, de minha parte, sinto como se nós dois fôssemos um só. Até me lembro de uma frase do casamento ritual latino, que eu estudei na Faculdade: "Onde tu fores senhor, eu serei senhora". Quem sabe a gente já se casou uma vez, naquele tempo? - disse Ana Helena, brincando, rindo, em tom de descrença.
- Mal sabia ela que estava dizendo uma verdade: já uma vez eles haviam se casado, conforme o ritual do casamento latino. Mas não souberam honrar o compromisso do casamento e...bom, mas essa é uma outra história que daria outro longo romance...³
- Pode ser mesmo que seja verdade. O que antes me parecia um incrível absurdo, desde que conheço você, já me parece mais verossímil, pelos sentimentos que você e este nosso estranho relacionamento despertam em mim. Eu nunca em minha vida me senti assim. Parece-me que eu estou vivendo num sortilégio, num encantamento, fora do mundo real. Enfim, assim como que...
- ..."Alice no país das maravilhas"? Pois é assim mesmo que eu me sinto, só que eu tenho esperança

³(**) Essa outra história se refere a um tempo em que Ana Helena fugiu de casa para um templo e foi ser sacerdotisa de Isis.

que seja como no "Paraíso" de Milton: "...o homem acordou e viu que o seu sonho era verdadeiro".

- Ah! meu amor! Parece que eu penso com a sua cabeça e você com a minha - falou Luís Pedro, abraçando-a e beijando-a.

...Depois de uma carinhosa troca de afagos, voltaram a conversar, sobre coisas práticas.

- Diga então, meu querido, quais são os seus planos para o nosso futuro?

- É o seguinte: em primeiro lugar eu vou, agora, com você, à casa dos seus pais. Entrego ao seu pai o dinheiro do resgate, peço desculpa e explico o porquê da minha marginalidade e a intenção de me regenerar. Depois abro o meu coração e declaro a eles o meu amor por você. Agora vem a surpresa, que estava reservada também para você: segunda-feira próxima, eu começo a trabalhar como vendedor numa loja de calçados, de um conhecido meu, antigo morador da minha cidade. Ele me conhece e também à minha família, por isso vai me dar o emprego: ele confia em mim e eu vou fazer tudo para merecer essa confiança.

- Que bom! Gostei que você conseguisse um trabalho, embora humilde e certamente de remuneração baixa. Mas isso não importa: será dinheiro ganho honestamente e isso sim é que importa.

- Eu economizarei o máximo possível, até que dê para a gente se casar.

- E você não vai procurar a sua família? Não vai me levar ao sul para eles me conhecerem?

- Posso até fazer isso. Só que não tenho condições financeiras de fazê-lo, por enquanto. Viajar é caro.

- Bom, então podemos ficar noivos e como presente de noivado meu para você, eu financio a nossa viagem. Você me dará, quando puder, o anel de noivado.*ú

- Pois dou mesmo, se formos à minha casa, lá no sul. Tenho certeza que a minha mãe terá um anel, entre as jóias de família, que ela sempre guardou num cofre no banco. Uma italiana velha, mesmo que não use suas jóias, nunca se desfaz delas.

- Ela pode ter vendido. Mas não tem tanta importância assim. Você fica me devendo, para dar em dias melhores, que certamente virão.

- Não, minha mãe não venderia, nem teria para quem, lá no sul, nesses tempos difíceis para todos. Eles podem ter vendido as terras, que foi o que restou e que sempre encontra compradores, mesmo em épocas de crises ou calamidade, pois não é um gasto fútil.

Depois de mais algumas trocas de palavras e de idéias, nas quais eles sentiam o quanto se harmonizavam, Ana Helena convidou:

- Vamos então? O meu automóvel está aí na porta do prédio.

- Vamos! Espere só eu pegar a sacola com o dinheiro. Ainda é a mesma, e está do mesmo jeito.

Não demoraram mais que cerca de uma meia hora, para chegar à residência dos Fernandes, uma casa térrea, ampla e confortável, típica de classe média alta, em uma boa zona residencial do Rio de Janeiro.

- O que significa isto? - indagou espantado o senhor Paulo, pois fora ele, em pessoa, quem atendera à porta, porque dona Marina e a empregada estavam na cozinha, ocupadas no preparo do almoço.

A pergunta do senhor Paulo se justificava, porque ele, ao abrir a porta, deu com a filha e, junto dela, em atitude de amorosa posse, com um braço pousado sobre os ombros da moça, um desconhecido que, além disso, portava uma sacola, na qual ele logo reconheceu a sacola que continha o dinheiro do resgate exigido pelo sequestrador de sua filha, alguns dias antes.

- Papai, eu e o Luís Pedro estamos aqui para conversar com o senhor, um assunto muito sério.

- E quem é esse Luís Pedro? E o que faz ele com essa maldita sacola na mão?

- Eu sou...(ia falando Luís Pedro)

- Não estou falando com o senhor. Eu me dirigi à minha filha - disse o senhor Paulo, com ar severo e truculento.

Luís Pedro, sentindo o clima, tirou o braço do ombro de Ana Helena e largou a sacola sobre uma mesinha, colocada perto da porta.

- Papai, ele, na verdade, é a pessoa que me sequestrou, mas é que ele...

- Ponha-se já daqui para fora, seu marginal descarado, sem-vergonha. Você conseguiu, de alguma forma, iludir a boa fé de minha filha, que nunca antes fora uma tola, mas a mim não me engana não - e dizendo isso, apontava a porta da rua para Luís Pedro, que estava estático de vergonha e espanto. Nunca ninguém em toda a sua vida o tratara dessa maneira, o espezinhara e humilhara tanto.

...E que as coisas, diante da espiritualidade, não são tão simples assim. Nem os caminhos que se tem de percorrer, a fim de alcançar o progresso espiritual são tão fáceis. Esses caminhos são ásperos, eivados de todos os espinhos que se tenha plantado em vidas anteriores. Acontece que o pai de Ana Helena era um ferrenho inimigo de outros tempos e que já os separara uma vez e agora pedira e conseguira uma oportunidade de contribuir para a aproximação e a felicidade dos dois. Só que, na hora mesmo das coisas começarem a acontecer, o rancor, trazido das outras vidas, mais a forma inusitada dos dois se reencontrarem, fê-lo esquecer-se do compromisso assumido q assim, parece, perder também essa boa oportunidade que lhe era dada, de dar início ao cumprimento da promessa feita na espiritualidade.

- Papai, não fale assim com o Luís Pedro. Ele não merece. Escute-nos e preste atenção. O dinheiro está aqui: ele está devolvendo-o integralmente, da mesma forma como lhe foi entregue, sem mexer. A forma respeitosa e ao mesmo tempo carinhosa como ele me tratou, levou-me a amá-lo.

- Esse covarde abusou da sua ingenuidade, da sua inocência e pureza, da sua inexperiência com a maldade da vida. Você não sabe o que é um homem sem-vergonha.

- Papai, ele não me tocou, o tempo todo. Para falar a verdade, nós só nos beijamos hoje e quem beijou primeiro fui eu. Aliás, quero que o senhor saiba que quem o procurou fui eu.

- E porque ele envenenou a sua cabeça. Quem sabe até lhe deu alguma droga...

- Papai, não fale assim. Não diga coisas que eu sei que vai se arrepender de tê-las dito, quando conhecer melhor Luís Pedro e souber de tudo que temos conversado e também do que temos para conversar com o senhor.

- Pois eu é que não quero conversa com esse marginal. Já conversei até demais, pois não costumo conversar com canalhas e menos ainda com covardes sequestradores de moças indefesas. Ponha-se já daqui para fora, senão eu chamo a polícia.

- Se ele for, eu também vou e me caso com ele, mesmo sem o seu consentimento, pois sou maior de idade e o senhor não poderá me impedir.

- Ah! Vejo que ele a instruiu direitinho e até pôs palavras na sua boca, que você nunca ousaria pronunciar, dirigindo-se ao seu pai.

- Ele não tem nada com isso e as palavras são minhas mesmo. Eu nunca me dirigi ao senhor nestes termos porque o senhor nunca demonstrou, para mim, tamanha incompreensão e estupidez e também eu nunca ameie ninguém como amo o Luís Pedro.

Capítulo XII — DESOBEDIÊNCIA E CASTIGO

Como Ana Helena havia pedido que ele voltasse para a sua casa e aguardasse notícias, Luís Pedro estava ali, havia mais de duas horas, sentado, parado, olhando para as paredes.

Fazia uma retrospectiva do último ano de sua vida e parecia inacreditável que tanta coisa acontecera: a enchente, a marginalidade, o sequestro e o amor.

Entre tantas coisas ruins, uma coisa tão boa, tão maravilhosa que parecia um milagre: o seu milagre particular. O amor é sempre um milagre especial e particular para cada um, para cada pessoa

e nisso reside todo o seu encantador mistério.

Afinal, como Deus fora bom com ele, apesar de tudo, permitindo que ele encontrasse Ana Helena e que ela também o amasse! Isso é o que era melhor do que tudo o mais. Até a enchente se tornara uma coisa boa para ele, pois se não fosse pela enchente ele não teria vindo para o Rio de Janeiro e não teria se encontrado com ela. Então ele seria uma pessoa oca, vazia, sem nunca ter conhecido um sentimento maior, o maior dos sentimentos para o ser humano, que é sentir pulsar junto do seu, outro coração, batendo o mesmo ritmo, dividindo entre os dois, o mesmo intenso amor, que faz com que dois sejam um só.

"Cessa tudo quanto a antiga musa canta,

Quando um valor mais alto se levanta", disse Camões e agora ele conhecia bem o sentido dessas palavras camoneanas, porque sabia e sentia que surgira um valor mais alto em sua vida. Um valor tão alto, que tudo o mais deixava de ter importância, ou, pelo menos, não tinha mais a mesma importância que tivera antes.

Enquanto assim pensava e até se esquecia de si mesmo, não sentindo nem fome nem sede, nem percebendo o tempo que passava, a sua amada deveria estar batalhando junto aos pais, em defesa do amor deles.

As sombras já começavam a invadir a sala onde permanecia sentado, quando bateram à porta e ele foi atender.

Era sua doce amada, com um grande pacote nas mãos.

- Eu sabia que você estaria sentado aí, parado, pensando e se angustiando e que, apesar de já estar caindo a tarde, ainda não se lembrou de almoçar, nem deve ter comido nada, até agora.

- E mesmo. Esqueci de almoçar. Agora que você está falando nisso e que esse cheirinho apetitoso exala desse pacote que você traz aí nas mãos, eu sinto que estou com fome.

- Eu sabia. Eu já conheço você muito mais do que você pensa e até do que eu mesma pensava. Mas é que eu "sinto" com você, parece que eu "sou" você, às vezes e eu sei exatamente o quê e como você está sentindo uma coisa. Por isso eu "senti" que você estaria com fome e lhe trouxe almoço, embora já meio tarde. Digamos que seja um almoço ajantarado. E eu, que almocei, já posso acompanhar você.

- Que bom, assim, partilhado, o almoço fica mais gostoso.

- Este almoço representa também uma mensagem de paz, ou melhor, de cumplicidade da minha mãe. Meu pai está mesmo irredutível e é radical no seu repúdio: não quer vê-lo nem admite que nos casemos; não aceita você de modo algum; nem com a devolução do dinheiro, nem com a promessa de mudança de vida e de emprego. Já a minha mãe compreendeu e aceitou e disse que está do nosso lado e nos dará a maior força, desde que você se empenhe em me fazer feliz. Diz ela que o que realmente importa é a minha felicidade. Para isso, para que eu seja feliz, ela aceita você de muito bom grado. Ela sabe que só você me fará feliz; mãe sente essas coisas.

- Então, como ficamos? Você aceita se casar comigo, mesmo contra a vontade de seus pais, ou melhor, de seu pai?

- Aceito, meu amor. Meu pai está sendo injusto e teimoso, eu não sei o porquê. Ele não costuma ser assim; sempre foi um homem lúcido e racional, capaz de entender o ponto de vista dos outros. Agora ele se posiciona assim, de maneira tão reacionária e radical. Francamente eu não entendo o que está acontecendo com o meu pai.

...Justamente Ana Helena não podia entender, porque não tinha como saber, nem ter conhecimento da animosidade que já vinha de outras vidas, e que, embora devesse ser superada, conforme entendimen- **119** to na espiritualidade, ainda influenciava o relacionamento dos dois espíritos, inimigos de outras vidas.

- Então, minha querida, se você aceita assim mesmo, correndo o risco de perder o amor de seu pai, espero que não se arrependa um dia e me culpe, ou me cobre, dívida que não é minha, mas que só decorre de uma livre decisão sua.

- Ah!, meu querido, como você pode pensar que eu haveria de culpá-lo por uma decisão que é só minha? Jamais farip tal acusação, ou cobraria qualquer coisa, nesse sentido, de você.

- Já que é assim e tudo isso fica muito claro, vamos então combinar como tudo deverá ser feito e esclarecer também, quanto ao futuro que nos espera e com o que podemos contar.

- Eu sei que será um futuro feliz, embora tenhamos de nos restringir muito.

- Você sabe que eu mal terei condições, com o que eu ganhar, de pagar o aluguel deste apartamento, quanto mais de outro maior. Você, que mora numa casa grande e confortável, se sujeitaria a morar aqui?

- Eu vivi muito bem aqui, nesses dias que passaram. Senti-me melhor e mais confortável do que jamais havia me sentido antes em minha vida, mesmo num hotel cinco estrelas, onde já estive: era de você que vinha o pieu conforto e o meu bem estar.

- Que bom ouvir isso de você! - falou Luís Pedro, dando um carinhoso abraço em sua amada.

- Sabe que eu poderia bem dar umas acertadas aqui neste apartamento para aproveitar melhor o espaço?

- Faça o que você quiser, afinal tratar-se-á da sua casa também se e quando você vier para aqui, como dona dela.

- Estou pensando em colocar um biombo, tapando uma cama de casal, ali perto do banheiro; ficará como se fosse um quarto com banheiro e aqui, ficará como se fosse uma saleta minúscula, onde a gente instalará o som e os livros, em estantes pelas paredes, que não ocupam muito espaço. Depois poderemos abrir espaço nessa estante e colocar nela a televisão que eu tenho em meu quarto, posso trazer também o rádio-relógio e...

E enquanto ia descrevendo como tudo haveria de ser, com tal entusiasmo e evidenciando uma tão grande expectativa de felicidade, que ele não pôde dizer mais nada, senão concordar com aqueles projetos todos, que, afinal, revelavam espírito prático e racional, por parte da futura dona da sua casa.

Assim sendo, ficou resolvido que se casariam no cartório, apenas com a presença das testemunhas, depois iriam passar o fim de semana em Petrópolis, num hotelzinho bem pitoresco, mas bem em conta, que Ana Helena já conhecia. Na outra semana, começariam a vida a dois: de manhã, cada um sairia para o seu trabalho. Bem cedo ela o levaria de automóvel, pois resolveram que ela ficaria com o carro, como instrumento de trabalho, para facilitar o trabalho de ambos. Cada uma almoçaria por conta própria, próximo ao local de trabalho e depois, no final da tarde, ela iria buscá-lo e, se estivessem muito cansados, jantariam numa lanchonete ou num restaurante modesto, senão passariam no supermercado e levariam alguma coisa para preparar em casa, o que seria preferível, pois ficaria mais barato.

Quanto à parte financeira, combinaram que ela é que seria a "ministra das finanças" e ele entregaria o ordenado inteiro, para que ela dispusesse conforme fosse necessário, provendo às necessidades de ambos. Não haveria "meu dinheiro", nem "seu dinheiro", haveria de ser "nosso dinheiro", isto é, o dinheiro do casal. Nem na casa haveria isto é meu, aquilo é seu, tudo seria de ambos.

A questão dos filhos, decidiram que não queriam nem pensar, pois não tinham condições para isso, nem estavam interessados em pôr filhos num mundo que não lhes parecia ser dos mais primorosos, em matéria de conforto e bem estar futuros.

Tudo aconteceu como previram e como planejaram, exceto a tristeza que Ana Helena sentiu e não esperava sentir, por não ver mais o pai dela, nem visitar a casa que fora o seu lar, sempre, até então. Apenas a mãe e o irmão iam visitá-la, mas não era a mesma coisa: ela até se sentia meio estranha, para eles. O irmão que morava em São Paulo e que era tão parecido com o pai, até no nome, para surpresa de ambos, gostou muito de Luís Pedro e o tratou como a um velho amigo, reencontrado com grande alegria; até esqueceu ou ignorou a história do sequestro.

Acontece que, sem que nenhum deles soubesse, Paulinho, o irmão de Ana Helena, era mesmo um velho, grande e bom amigo de Luís Pedro, de outra vida, na qual estiveram perto todo o tempo, sempre desfrutando um do convívio do outro e vivenciando uma grande e sincera amizade, comprovada com atitudes de grande desprendimento e lealdade, principalmente de Luís Pedro com relação a ele, Paulo. Mas esta, já é uma outra grande e bonita história!***)

Havia também uma certa tristeza por parte de Luís Pedro, por não mais ter tido notícias de sua família e ainda pela vontade que tinha de que seus familiares conhecessem sua querida esposa e a aprovassem, pois, embora não pareça, a aprovação do ser amado, por parte da família, é uma coisa muito gratificante, para todas as pessoas que se amam de verdade.

Assim, exceto essas pequenas tristezas de ambos, tudo transcorria relativamente bem, eles estavam felizes, embora a euforia dos primeiros dias já começasse a ser toldada pela limitação do lazer e de boas roupas, muito bem cuidadas, que o pouco dinheiro e o pouco tempo para cuidar impunham a ambos.

Então, por esse tempo, cerca de um ano de casados, pouco mais ou menos, ambos começaram a ter problemas de saúde.

O distúrbio de Ana Helena foi logo atribuído pelo médico que a atendeu, no Hospital dos Servidores Públicos, ao fato de ela não estar se dando bem com o uso constante das pílulas anticoncepcionais.

Já a doença de Luís Pedro, que foi levado ao médico do INPS, não parecia ter solução. Por mais que o clínico geral pedisse exames e os encaminhasse (***) Ambos oficiais do exército de Napoleão, um salvara a vida do outro, uma vez em Abukir e outra vez em Waterloo. aos vários especialistas, ninguém descobria a causa das fortes dores de cabeça que chegavam a dar tonturas, náuseas e às vezes provocava até desmaios, para vergonha dele, que se sentia acanhado e dizia, desconsoladamente:

- E eu que sempre pensei que desmaio fosse "fricote" de mulher...

Os exames de laboratório, todos eles, deram resultado negativo.

As radiografias também nada esclareceram: tudo parecia perfeitamente normal, aos olhos dos médicos que as examinavam.

O cunhado de São Paulo, que tanto o estimava e não punha fé em médicos do INPS, ofereceu:

- Venha para São Paulo, venha para a minha casa. Você não pode continuar assim. Tenha paciência, faça um favor a mim e a si mesmo, venha para a minha casa e venha consultar o meu médico, o Dr. Rodolfo, que é o meu médico de confiança e para você não custará nem um tostão. Assim eu poderei hospedá-lo em minha casa e a gente vai se conhecendo melhor.

Como tanto ele quanto a mulher, Ana Helena, tinham direito a férias não usufruídas e já vencidas, nos seus respectivos empregos, resolveram usar parte dessas férias para irem a São Paulo.

Quando as dores se tornaram realmente insuportáveis para Luís Pedro e o desconforto de Ana Helena por causa das pílulas também incomodava bastante, resolveram e partiram para São Paulo, de ônibus, que era mais barato, coisa que nunca antes Ana Helena fizera, pois sempre viajara de avião.

Mas, surpreendentemente, não passaram mal na viagem; até que se sentiram muito bem, como se já estivessem melhores, só de resolverem tratar-se.

E que os espíritos amigos se aproximaram, para lhes dar apoio, acreditando que assim eles poderiam estar partindo, para buscar a realização do compromisso anteriormente assumido.

E foi isso mesmo o que aconteceu.

O Or. Rodolfo, que era um médico espírita e cuja esposa era uma médium inconsciente de incorporação, logo percebeu que a doença de Luís Pedro nada tinha de física ou material. Examinou todos os resultados dos exames, tanto laboratoriais quanto radio-gráficos e concluiu que, de fato, a primeira impressão que tivera, refletida numa intensa descarga de fluidos que o abalaram, estava certa.

Luís Pedro, na verdade, estava sendo assediado por espíritos que comprometiam a sua integridade

física, pela- insistência de ficarem ao seu lado, como se, numa réplica do mundo físico, pois o outro mundo é um reflexo deste, pessoas insistentes ficassem aborrecendo, pedindo que fizesse algo que não se estava disposto, nem com vontade de se fazer.

Isso incomodava tanto o rapaz que dava origem às insuportáveis dores de cabeça, que radiografia alguma conseguia detectar.

E, de fato, o que realmente acontece, muito mais vezes do que supomos: uma dor de cabeça, ou de costas, ou qualquer outra, sem causa determinada, é, quase sempre, um assédio espiritual e o meio mais certo de aliviarmos essa dor é orar e também, tomarmos passe, através de médium da nossa confiança e estima em um centro espírita bem orientado, que pode assim "mediar" o benefício que os nossos amigos e "afins" da espiritualidade, queiram nos enviar, para aliviar nossas dores.

Capítulo XIII — BUSCA DA CURA

Sem saber direito como entrar no assunto com Luís Pedro, o Dr. Rodolfo sugeriu a ele, depois de duas minuciosas consultas, que voltasse para uma terceira, não no consultório, mas em casa dele e que levasse também a esposa, o cunhado e respectiva esposa.

Enquanto isso, ele, Dr. Rodolfo, em casa, já falara com a mulher sobre o caso e até fora o guia espiritual dela quem lhe dissera, logo após a primeira consulta e a análise minuciosa dos resultados dos exames, que o mal de Luís Pedro não era físico, que ele fisicamente não tinha nada mesmo.

Essa terceira consulta foi marcada para a terça- feira seguinte, às vinte horas, na casa do Dr. Rodolfo, pois a essa hora e nesse dia o Dr. Rodolfo e a esposa iam também com dois casais vizinhos, nos quais um dos cônjuges era médium de incorporação, a um centro espírita, que ficava distante apenas uma quadra, da casa dele. O Dr. Rodolfo era quem fazia a leitura do Evangelho, alternando também com o "Livro dos Médiuns" e o "Livro dos Espíritos", de Allan Kardec. Após as leituras programadas para o dia, abria os trabalhos, pedindo a proteção dos espíritos consoladores e guias e oferecendo as mediunidades presentes, com o consentimento delas, para a comunicação de alguma entidade que tivesse necessidade de se comunicar, dentro da ordem, do respeito e da consideração para com o próximo, respeitando a privacidade e a vontade de cada pessoa, que não podia, nem deveria jamais ser forçada.

Paulinho, que era espírita atuante e que compreendeu o que propunha o médico, o Dr. Rodolfo e que até mesmo já esperava por isso, para ajudar o cunhado, com relação ao seu problema de saúde, tratou de preparar o ambiente, conversando, esclarecendo, recapitulando os fatos, analisando as situações.

- Você sabe, Luís Pedro, que nem todos os outros médicos que você consultou antes, nem o Dr. Rodolfo, examinando bem todos os resultados dos exames laboratoriais e todas as radiografias, encontrou nada que justificasse todos esses sintomas de doenças que você vem sentindo nos últimos meses?

- Você não há de pensar que eu estou fingindo e mentindo!

- Não, não. Não se trata disso. Eu não sei se você sabe, provavelmente não sabe, pois nem a minha irmã talvez saiba, eu sou espírita kardecista, militante.

- Eu não tenho nada contra o espiritismo, embora seja, por formação e educação familiar, católico.

- Eu também nada tenho contra o catolicismo, como nada tenho contra qualquer religião, principalmente cristã. E que o catolicismo se modificou, levando o cristianismo para o lado da política e da eco- **128** nomia. Mas, deixa pra lá, depois você vai ler e estudar um livro chamado A ESQUINA DE PEDRA, de Wallace Leal V. Rodrigues, que explica tudo isso. Mas, essa evolução, a reforma e a contra-reforma, inclusive, acabaram formando o alicerce cristão; esses . acontecimentos histórico-culturais propiciaram a vinda da terceira revelação, que é o espiritismo, codificado por

Allan Kardec.

- Como é isso? Que história é essa de terceira revelação?

- São as revelações de Deus aos homens: a primeira foi a religião judaica, revelada ao homem com o decálogo dado a Moisés no Monte Sinai, que tirou o homem do paganismo, trazendo a idéia de um Deus único. Depois veio Jesus Cristo em pessoa, trazendo a lei do amor; esse Deus único revelado por Moisés, ama a seus filhos: foi a segunda revelação. Então existia um Deus único que era bom e nos amava, só que não era justo, por causa da desigualdade que havia entre os seus filhos. Então veio a terceira revelação, através da codificação feita por Allan Kardec, para mostrar que aquele Deus único, que nos amava, era também justo, pois nos dava o livre arbítrio e a reencarnação, para que pudéssemos progredir e um dia chegar até Ele, como seus filhos amados. E por isso que um espírita nada tem contra o judaísmo, e as várias formas de cristianismo, pois são etapas da evolução do homem. Por que um doutor não respeitaria a escola primária, a escola secundária e a faculdade que lhe deu formação, que lhe permitiu chegar ao doutorado? Você disse que é de formação católica; pois a grande maioria de nós, espíritas, também somos.

- E por que deixaram de ser católicos e se tornaram espíritas?

- Porque evoluímos, ultrapassamos aqueles ensinamentos e surgiram indagações às quais a religião católica não oferecia mais respostas. Esse é apenas um dos motivos e o melhor deles.

- E quais seriam outros motivos?

Geralmente, pois é um motivo mais comum, somos impelidos pela dor, pela angústia, pelo desespero?

- Como assim?

- Sim, dor, angústia, desespero: perda de entes queridos, com a qual a gente não se conforma, doença que a medicina oficial não consegue diagnosticar, como é o seu caso.

- Quer dizer que você sugere que eu procure um centro espírita para consultar sobre a minha doença?

- Nem é preciso que você procure, já está achado. Acontece que o médico, formado pela medicina oficial e até doutorado, com defesa de tese e tudo, o Dr. Rodolfo, é também espírita. E com o gabarito e a competência dele, chegou à conclusão de que o seu mal não é físico. Então ele sugere a procura de uma causa espiritual.

- Mas ele já marcou uma terceira consulta. Você está enganado. Ele ainda deve ter alguma outra pesquisa em mente.

Essa terceira consulta ele não disse que era à noite, na casa dele e que era para eu ir também?

- Você e a Sílvia. Disse sim. Você sabe, eu contei, assim que cheguei do consultório.

- Pois então, eu sei. É isso mesmo que eu estou querendo explicar. Às terças-feiras, às oito horas da noite, realiza-se num centro espírita, perto da casa do Dr. Rodolfo, uma sessão espírita, presidida por ele, na qual geralmente comparecem espíritos mais adiantados, que nos ensinam e nos orientam. O Dr. Rodolfo convidou-o para ir lá, na esperança de que algum, dos nossos mentores espirituais, através de dois médiuns desenvolvidos que lá estarão, possam nos orientar, quanto ao seu caso.

- E o que são médiuns?

- São pessoas comuns, como eu e você, com certos dons, assim como quem tem dom para a música, para o desenho ou para a dança e que desenvolvem esses dons, que facilitam nossas comunicações com os espíritos.

- Todos podem ser médiuns?

- Todos somos médiuns, em menor ou maior grau, assim como todos podemos dançar, desenhar ou fazer versos. Só que alguns chegam a ser grandes dançarinos, grandes pintores e grandes poetas e outros não.

- Você disse que os espíritos falam através desses médiuns. Como é isso?

- Com a voz dos próprios médiuns, os quais emprestam o corpo, o aparelho fonador, tudo.
- Então será como se a pessoa que eu vou ver ali, na minha frente não fosse ela mesma, mas outra pessoa, alguém que já morreu?

- E isso mesmo. A pessoa que você ouve falar, com a sua própria voz, não é ela mesma que fala, mas alguém que vive além, numa outra vida, que para nós já morreu; só que ela é que está falando. Esses mortos, segundo o nosso entender, estão mais vivos do que nós e enxergam muito mais do que nós enxergamos, com os nossos olhos materiais, limitados pelas circunstâncias mesmo dessa matéria.

- Que coisas interessantes e estranhas você está me dizendo! Então eu vou ver de perto tudo isso hoje?

- Isso tudo que eu disse, sim, é muito provável que você veja hoje. Só não garantimos nem podemos assegurar que você ouvirá algo que interesse pessoalmente ao seu caso de saúde, pois nós estamos aqui para ouvi-los, quando e se eles quiserem falar e também se os médiuns quiserem emprestar p seu corpo para que eles falem. Nós não temos poderes, por assim dizer, de exigir que os espíritos atendam às nossas necessidades. Eles poderão ou não fazê-lo. Poderão, inclusive, dizer a causa desses males e nada fazer para minorá-los, pois não competirá a eles tal interferência, naquilo que você terá de passar. E poderá ser que curem tudo isso, facilmente. A gente não tem como saber isso; às vezes são males que a pessoa tem mesmo é de sofrer.

- E por que teríamos de sofrer? Por que Deus nos castigaria tão duramente se Ele é o Pai Maior e um pai menor, dos nossos, aqui da Terra mesmo, não faria isso com um filho?

- Não é Deus que nos castiga. Somos nós mesmos que pedimos os sofrimentos, por razões que só o nosso espírito, no além, sabe quais são essas razões. Mas você está muito perguntador e eu vou te oferecer todas as respostas, dadas por alguém que sabe muito mais do que eu.

Dizendo isso, Paulinho levantou-se e se dirigiu a uma estante, de onde tirou um livro, que ofereceu a Luís Pedro.

- Olhe, está aqui. "O Livro dos Espíritos", de Ailan Kardec. Aqui você tem todas as respostas. O livro é escrito na forma de perguntas e respostas: eram as perguntas que Ailan Kardec fazia e os espíritos respondiam.

Luís Pedro começou a folhear o livro, detendo-se de quando em quando.

- É interessante. Prometo que vou ler com toda a atenção. Mas agora, me responda, como vai ser hoje à noite?

- Ora, nós vamos lá, o Dr. Rodolfo fará as leituras e os comentários que antecedem os trabalhos propriamente ditos. Depois, os médiuns ficam à disposição dos espíritos que possam e queiram se comunicar conosco, trazer-nos alguma mensagem.

- E eles vêm sempre?

- Que eu saiba, nos trabalhos no centro que o Dr. Rodolfo frequenta, onde são realizados há mais de dez anos, só uma vez espírito nenhum se comunicou. Depois soubemos que foi na noite de um grande incêndio, na mesma hora e em um prédio próximo: os guias estiveram ocupados ajudando no incêndio, salvando pessoas, mas providenciaram para que nenhum espírito sofredor ou perturbador se valesse da ausência deles, para tumultuar nossos trabalhos.

- Então acontece de virem espíritos não desejados?

- Você sabe, neste nosso mundo, existem sempre indesejáveis que se insinuam, como "penetras" em festas. Se o outro é um reflexo deste, isso também acontece.

- E como é que eles vêm?

- Muitas vezes são trazidos pelos próprios frequentadores das nossas sessões, sem que eles próprios o saibam. São espíritos que já estão prontos para receberem esclarecimentos, uma palavra de conforto, uma orientação. Às vezes, os nossos guias mesmo, atraem-nos para aqui, a fim de que possamos ajudar um irmão; nesse caso, estão sempre sob o controle e a supervisão desses mesmos guias.

- Não há perigo de virem alguns que sejam mais difíceis de controlar, como às vezes acontece com "penetras" indesejáveis, na Terra?
- Não nego que, algumas vezes, alguns espíritos mais maldosos, espertos e maquiavélicos, conseguem ludibriar a boa fé de alguns de nós mais ingênuos e causam alguns problemas, perturbando o ambiente e as pessoas. Mas, nada de tão grave que nossos guias não saibam lidar com o problema e encontrar solução satisfatória.
- Ana Helena e Sílvia já sabem que vamos a essa sessão na casa do Dr. Rodolfo?
- Não é na casa do Dr. Rodolfo. E no centro espírita vizinho à casa dele, que ele frequenta e ajudou a fundar, há mais de dez anos.
- A Sílvia já está acostumada, a gente vai quase todas as terças-feiras e ela já percebeu, quando você chegou falando de como, onde, e quando seria a terceira consulta. Deve estar agora explicando tudo para a Ana Helena, lá no quarto, onde as duas estão conversando, já faz algum tempo. Você acha que a Ana Helena não vai querer ir à casa do Dr. Rodolfo, por se tratar de irmos depois a uma sessão espírita?
- Não, ao contrário; penso que ela irá com muito prazer e até faria muito empenho em ir, mesmo que não fosse para complementar a minha consulta ao médico, como é o caso. Ela tem um colega de trabalho, um tal de Carlos, que é espírita, com quem ela gosta muito de conversar e, às vezes, ela comenta comigo quanto têm agradado essas conversas que ela tem tido com ele. Esses comentários me levam a crer que ela aceita muito bem as idéias espíritas. Além _ disso ela é, e sempre foi, muito curiosa e um tanto mística.
- Então estamos todos de acordo e devidamente instruídos para o comparecimento aos trabalhos, hoje à noite. Todo o tempinho que eu conseguir de folga hoje no meu escritório, vou, orar, pedindo a assistência dos nossos guias espirituais, no sentido de nos orientarem, quanto à sua doença, para facilitar a aproximação de algum espírito interessado no assunto.
- Como assim, interessado no assunto?
- Ora, um familiar seu já falecido, que queira ajudar e/ou alguns outros espíritos amigos do além, ou até alguém especialmente interessado em você, na Ana Helena ou até em ambos, por que não?
- Não entendo muito bem aonde você quer chegar. Mas, já me basta saber que existem espíritos que poderão esclarecer algo sobre minhas terríveis dores de cabeça. E peço mesmo a Deus, fervorosamente, que algum deles se digne apresentar-se nessa tai sessão espírita, na qual vocês depositam tanta fé.

Capítulo XIV — NOTÍCIAS DO ALÉM

Ao chegarem, cerca das sete e meia da noite, em casa do Dr. Rodolfo, já estavam lá várias pessoas: dois casais de certa idade, uma senhora bastante idosa, com sua filha de meia idade e mais uma jovem de ar alienado, parecendo até meio abobalhada, a qual era neta da velha senhora e filha da outra senhora menos idosa, mas já de uma certa idade. Havia ainda o casal de donos da casa, por sinal que ambos muito simpáticos, o pai do Dr. Rodolfo, senhor também bastante idoso e um seu amigo, cuja idade não parecia ser muito diferente da de seu amigo.

Estavam todos numa sala ampla, aprazível, sentados espalhados por vários sofás e confortáveis poltronas.

Faltavam dez minutos para as oito horas, quando o Dr. Rodolfo convidou a todos, para se dirigirem ao local da sessão.

Eflerminharam-se todos para a rua, andando uma quadra e atravessando a rua, até um prédio

simples, quadrado, com um saguão de entrada e um biombo. Ali, no centro de uma grande sala, havia uma mesa grande, envernizada. No meio da mesa estava colocado um arranjo de flores do campo, muito bonitas, coloridas e via-se que bem frescas. De um lado do arranjo, havia uma bandeja com copos e, no centro da bandeja, que era bem grande, uma garrafa branca, de cristal, trabalhada, cheia de água. Do outro lado do arranjo, havia dois livros e uma caixa de óculos, fechada.

Todos os que foram chegando, foram logo tomando seus lugares, conforme ia determinando o Dr. Rodolfo. E eles o faziam com a maior tranquilidade e com a segurança daqueles que já estão habituados.

Quando todos já estavam acomodados, em silêncio, o Dr. Rodolfo fez uma bonita oração e deu início à sessão, lendo um trecho do "Evangelho Segundo o Espiritismo", de Allan Kardec, e comentando-o.

Antes de começar a leitura, quando foi apanhar os óculos, que estavam na caixa, sobre a mesa, ele destampou a garrafa de água.

Depois, ele leu um trecho do "Livro dos Espíritos", também de Allan Kardec, cujo trecho falava de assunto semelhante ao que fora comentado no Evangelho: o perdão das ofensas.

Terminados que foram os comentários, iniciou-se a parte prática da sessão, invocando-se, mais uma vez, a orientação e a proteção dos espíritos.

Daí, logo um senhor se pôs a falar:

- Boa noite, irmãos em Cristo e em Kardec. O que me traz aqui hoje é a tentativa de, mais uma vez, tentar explicar à senhora dona Maria, o que se passa com a sua neta e a necessidade que ela tem e sua filha também, de aceitar a situação, ao invés de viverem procurando sempre, tentando sempre, daqui e de lá, modificar o que não cabe a elas interferir. O espírito que perturbava a moça era um terrível inimigo, ao qual ela já causou muito mal, em vidas pregressas. Hoje esse inimigo, esclarecido, já a perdoou, já partiu para um trabalho de recuperação do tempo perdido em persegui-la e foi ela mesma que pediu ao Pai Maior que lhe fosse aplicada a pena dessa alienação a fim de que ela também pudesse ressarcir o seu débito, embora o seu credor a tenha perdoado. Respeitando o seu livre arbítrio, seu carma aí está; ela continua alienada, embora não mais esteja sendo perturbada. Ela assim quis e assim quer e os seus cúmplices de crimes de outras vidas, sua mãe e sua avó, também deveriam aceitar de bom grado o preço do resgate da culpa e não viver culpando os centros espíritas e o espiritismo em geral de ineficiência, por não curarem a moça de seu mal, coisa que ninguém na medicina oficial também logrou conseguir. Por favor, irmão Rodolfo, explique mais uma vez a elas. Vamos ver se, com o tempo, com paciência, fé e boa vontade a gente consegue que elas aceitem a prova que lhes coube, não por vontade de Deus, mas delas próprias, como decorrência de seus atos.

- A sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória, segundo nos ensinam nossos irmãos maiores da espiritualidade e a própria lógica da vida - falou o Dr. Rodolfo, ao senhor com o qual dialogava, ou melhor, ouvia.

- Pois é isso mesmo, e agora, elas, que colheram o que plantaram, transformando essa vindima no cálice que agora têm de beber, pedem, sem conhecimento das causas mais profundas, que seja delas afastado esse cálice, o qual se propuseram tomar.

- Empenharemos o melhor dos nossos esforços, da nossa dialética, a fim de explicar a elas, como pede nosso querido irmão maior, guia e orientador dos nossos trabalhos, no sentido de cumprir o que aqui hoje nos determina.

...Ana Helena e Luís Pedro não tinham percebido que era um espírito que estava falando através daquele senhor e tão logo o Dr. Rodolfo disse as palavras que acabavam de ouvir, entenderam que estavam em comunicação com o além, o que os deixava singularmente emocionados e ao mesmo tempo, tranquilizados, pois pensavam que a coisa toda fosse mais difícil e arrepiante; nada tão simples e natural assim, apenas ouvir alguém falando e esse alguém falar com voz normal, embora o

pensamento que essas palavras traduziam fosse vindo do além.

- Agora vou me retirar e ficar aqui ao lado, para que possam se comunicar dois espíritos que estão muito ansiosos por falar e que parecem ter algo muito importante a dizer. Eles vieram juntos com o casal do Rio de Janeiro. Para não cansar muito um só médium, e eles me parecem ser um pouco "pesados", cada um virá por um médium diferente, inclusive este, através do qual lhes falo.

...O médium deu um suspiro mais profundo, baixou a cabeça, decorreram cerca de uns dois minutos de silêncio absoluto na sala e então, o médium levantou a cabeça e falou em voz bem alta e com os punhos fechados, estendidos para a frente, como se quisesse socar alguém, ou chamar-lhes a atenção:

- João, João, você prometeu, João - falou ele, em voz bem alta, parecendo cheia de mágoa e de revolta. E prosseguindo:

- João, como é que você faz isso comigo? Você prometeu e a Cecília também. Vocês falaram que, como prova do perdão que vocês me davam e do arrependimento do que já antes tinham feito a mim, vocês iam me proporcionar uma nova oportunidade, em uma nova encarnação, na qual eu nasceria de novo, como seu filho, para poder cumprir a minha missão, que foi frustrada por vocês mesmos, eu até tenho ajudado e pedido ajuda, para vocês se reencontrarem e agora...

-...e eu também, eu também João, como pôde você, João, esquecer de tudo o que nós combinamos - isto falava outra pessoa, uma senhora que também estava tomada por um espírito...

Aí então Luís Pedro desandou a chorar copiosamente, virou-se para Ana Helena, abraçou-a e os dois choravam, choravam sem parar e sem qualquer acanhamento, como as crianças choram.

Ninguém estava entendendo mais nada. Nem o Dr. Rodolfo.

Então o Dr. Rodolfo pediu que aqueles espíritos fossem afastados, fossem levados para assistência e esclarecimentos e que o guia retomasse o médium para, se possível, explicar o que estava acontecendo.

Passados mais alguns poucos minutos de silêncio, em que as pessoas pareciam rezar, cessou o pranto do casal e só se ouvia, agora, algum soluço que ficara preso na garganta, após o súbito e prolongado pranto de Ana Helena e Luís Pedro.

Aí então, aquele senhor, o primeiro médium que falara, começou a falar de novo.

- Estou eu aqui de volta, irmãos, para, mais uma vez, tentar explicar as coisas. Vocês devem ter percebido que aqueles dois espíritos que aqui estiveram, cobravam o cumprimento de uma promessa. Eles pareciam magoados e revoltados porque alguém combinou algo com eles, na espiritualidade e agora não se dispõe a cumprir aquilo que combinaram.

- Mas ninguém aqui se chama João nem Cecília...

- Então pergunte ao casal que veio do Rio de Janeiro, por que eles estavam chorando e o que eles têm a dizer sobre João e Cecília.

- Por que vocês estavam chorando? Sabem quem são João e Cecília?

Com voz embargada de emoção e talvez de vergonha de se estar expondo tanto, Luís Pedro respondeu:

- João era eu, tenho certeza. Eu me lembrei na hora mesmo em que o Ernesto começou a falar. Era ele mesmo, reconheci até, senão a voz, mas o modo de falar. E me lembrei de tudo, como se fosse um filme passando na minha frente. Cecília era Ana Helena, ou melhor, Ana Helena era, naquele tempo, a minha mulher, Cecília. O Ernesto e o Sebastião foram nossos amigos-inimigos, irmãos, carrascos, enfim há um envolvimento muito grande e muito variado entre nós. Eu não sei explicar direito...

- Pode deixar que eu explico - faiou novamente o mentor dos trabalhos.

- Antes desses dois reencarnarem, Luís Pedro e Ana Helena, eles combinaram, com esses dois que vocês ouviram através dos médiuns que eles casariam, pois sempre se amaram, e dariam aos dois a oportunidade de reencarnarem, num lar feliz e bem estruturado, para poderem cumprir

importante missão e resgatar o carma de outras vidas, de crimes, corrupção, assassinato de irmãos, nas quais algumas vezes o casal tinha sido vítima, outras vezes o carrasco, o executor. Isso que hoje ocorre aqui, mostra apenas a ponta superior de um imenso iceberg que se aprofunda no mar das variadas vidas desses personagens. O casal, de fato, tinha o nome de João e Cecília, no além, quando fizeram a promessa de esquecer todo o passado e dar a eles um lar, onde seriam seus filhos bem amados. Só que agora, quando chegou a hora de cumprir tal promessa, começam as desculpas: não têm condições financeiras, não podem arcar com as despesas da criação de uma família, têm de trabalhar, e assim fazem tudo para impedir a reencarnação dos dois que estão à espera, pois eles haviam prometido. Então acontece isso: as pílulas fazem mal à ex-Cecília, hoje Ana Helena e o antigo João e atual Luís Pedro tem violentas dores de cabeça, cuja causa ninguém descobre. A cura das doenças consiste apenas no cumprimento da promessa feita. Doenças que não têm causas físicas e/ou até mesmo essas, às vezes têm como causa o desequilíbrio entre a promessa feita antes de reencarnar e o procedimento diverso, que impede o cumprimento daquilo que foi combinado.

- Não entendi muito bem essa explicação, mestre. Perdoe a minha ignorância; tenho muita dificuldade em entender essas coisas complexas. O senhor poderia explicar melhor, exemplificando.

- Eu sei que é mesmo difícil de entender e parece até meio fantástico, meio novelesco, mas é que a trama das nossas vidas, ao longo dos séculos e com as várias encarnações em circunstâncias e ambientes os mais diversos, tornam tudo muito complexo mesmo.

- Ah!, o senhor sempre bondoso e compreensivo, justificando as minhas limitações!

- Você quer que eu exemplifique. Vejamos, o caso desses dois, já é um exemplo. Mas vou citar outro. Suponhamos que uma pessoa viveu uma vida inteira blasfemando, xingando Deus e os homens, sendo de- liberadamente ímpio e impiedoso. Depois do seu passamento para o outro lado, arrepende-se e resolve se regenerar e para isso entende que o melhor é reen- carnar como sacerdote, vivendo uma vida mais regrada, mais pura, tentando estar mais perto de Deus, em contemplação e asceticismo. Depois ele reencarna e chega à idade de ir para o seminário e não quer mais ir, nem quer saber de religião alguma. A ele só interessa gozar a vida, segundo o seu próprio conceito do que seja gozar a vida.

- Mas eu acho que o livre arbítrio permite que a pessoa mude de idéia, não é mesmo?

- Permite sim, claro. Só que tudo tem um preço e o preço quem cobra é o próprio espírito da pessoa, não é Deus que castiga, não senhor, como as pessoas pensam. Mas, estamos fugindo ao nosso exemplo. Então o sujeito em questão se torna um boa vida, não quer saber de nada sério. Aí, ele começa a sofrer do fígado, a ter úlcera no estômago, a sofrer do intestino e/ou outros órgãos afins, pois ele se torna um amargurado, um insatisfeito, em busca, nem ele sabe de quê. As pessoas ficam admiradas que aquele jovem alegre e brejeiro tenha se transformado num doente crônico. É que ele se voltou contra si próprio, por não ter sido capaz de cumprir a promessa feita. São geralmente doentes crônicos e pessoas que se desamam, se desprezam, chegando às vezes até ao suicídio. E não foi Deus que exigiu que ele fizesse isto ou aquilo; foi ele mesmo que decidiu fazer e depois não fez, então é como se ele se revoltasse consigo mesmo. Ele não se gosta, não se perdoa e procura a sua própria punição através da doença que o maltrata. Se ele vem ao Centro Espírita e tem o merecimento de ser esclarecido, então ele pode, ainda dependendo dele próprio, sarar ou não da doença que o aflige.

- Tudo isto que o senhor diz, parece-me muito coerente e muito de acOTdo com o que a própria psicologia preconiza, para o caso de doentes crônicos, que, muitas vezes, nem querem sarar. Mas muitos procuram a cura e a encontram, não é verdade?

- É o que provavelmente acontecerá com o nosso amigo que está aqui hoje, procurando a cura para a doença dele. Ele é quem sabe se quer mesmo sarar e o que tem de fazer para conseguir isso.

- Parece-me que ele estará empenhado em fazer tudo para se curar e para cumprir a promessa feita no além, da qual ele parece se lembrar perfeitamente, o que é muito raro, muito

difícil.

- Nada é difícil para a misericórdia de Deus.

O guia deu mais alguns conselhos gerais de boa conduta, bom procedimento e amor ao próximo e se despediu, não sem antes fluidificar a água da garrafa de cristal, que estava sobre a mesa.

Depois de encerrados os trabalhos e enquanto trocavam idéias e explicações sobre o que ali ocorrera, a esposa do Dr. Rodolfo ia lhes oferecendo copos com água da garrafa que fora fluidificada, até que todos se despediram e foram para suas casas.

Para Ana Helena e Luís Pedro, tudo parecia tão real, tão verdadeiro que, embora aos outros parecesse fantástico, eles não tiveram um segundo de dúvida em aceitar aquilo que, no fundo de si mesmos, tinham certeza de que era a mais pura e cristalina verdade.

Capítulo XV — ACERTO FINAL

Ao chegarem à casa de Paulinho, já bem mais tarde, estavam todos em silêncio, cada um meditando segundo o seu ponto de vista, sobre os ensinamentos e os acontecimentos da noite, do que viram e ouviram, na sessão a que haviam comparecido, pela primeira vez.

Luís Pedro estava perplexo e aliviado. Perplexo, por descobrir a verdade de uma coisa que ele apenas ouvira falar, vagamente e nem tivera motivo para acreditar ou não acreditar. Aliviado porque afinal a doença que ele pensava ser tão terrível, no mínimo um câncer incurável no cérebro, que o deixaria louco e depois o mataria entre dores terríveis e insuportáveis, não era nada mais do que o efeito de uma promessa não cumprida, que ele podia cumprir e se curar. E ele sabia e sentia, no mais profundo do seu eu, que aquilo era realmente verdade: para ele, agora, era preciso, não provar que era tudo verdade, mas sim ao contrário: precisaria provar que não era verdade, pois não necessitava mais de prova nenhuma para ter certeza de tudo aquilo que vira e ouvira.

Ana Helena, cuja tendência para a busca de Deus e da religião, era uma constante em sua vida e a estava levando para a descoberta do espiritismo, agora não tinha mais dúvidas nem indagações angustiosas, nem perguntas sem respostas. Ao contrário, agora parecia haver mais respostas que perguntas, pois até o que ela nem chegara a perguntar, lhe fora respondido.

- Então, o que acharam de tudo quanto viram e ouviram? - perguntou Paulo, meio resabiado, diante do silêncio deles.

- Nós não achamos nada, nós é que nos achamos, pois estávamos perdidos, isso sim - respondeu Ana Helena.

- Como assim? - indagou Sílvia.

- Perdidos, pois nada sabíamos e por não sabermos estávamos agindo mal, agindo errado, em contradição com aquilo que deveríamos fazer. Você viu o que aconteceu. E sabe que aquilo não foi uma encenação, nem nada combinado. Chocou um pouco, por ser uma revelação tão pessoal, tão íntima, quase uma invasão de privacidade; mas fomos nós mesmos que procuramos, para nosso próprio bem e é tudo verdade.

- É mesmo - falou Luís Pedro. Ana Helena tem razão quanto a ser chocante: é mesmo, muito chocante. É como se nos desnudássemos diante dos outros; é mais que um desnudamento do corpo, é um desnudamento da própria alma. Mas, era preciso e foi muito bom que assim acontecesse, pois talvez que se fosse de outra maneira, ficasse difícil para nós aceitarmos; assim como foi, não nos resta nenhuma dúvida: tudo é mesmo verdade.

...Desse dia em diante, o casal nada mais fez para evitar a concepção. Logo depois, as férias terminaram e eles já estavam firmes no trabalho, quando Ana Helena levou para casa o resultado do exame de laboratório que comprovava a sua gravidez.

Ela se sentia muito bem e Luís Pedro nunca mais tivera dor de cabeça, nem nenhuma outra dor.

Também se tornaram assíduos frequentadores de um centro espírita que realizava suas sessões

de iniciação à doutrina espírita aos sábados, no período da tarde.

Logo as coisas melhoraram na loja onde Luís Pedro trabalhava, apesar da situação econômica desfavorável pela qual passava o país. Ele teve um substancial aumento de ordenado: passara a ganhar o suficiente para, com a ajuda de Ana Helena, alugar um apartamento com dois quartos, para poderem acomodar a criança que iria chegar.

O dono da loja onde Luís Pedro trabalhava e que tinha parentes no sul, perto da cidadezinha onde morava a família de Luís Pedro, convidou-o e a Ana Helena, para irem, com ele, para o sul, por uma semana, pois ele não gostava de viajar sozinho.

Ana Helena, a pretexto dos enjoos e desconfortes decorrentes do início de gravidez, conseguiu uma licença médica de uma semana, e lá foram eles, felizes da vida e cheios de esperanças num futuro melhor.

Os pais de Luís Pedro haviam conseguido um bom preço para as terras de cultura da uva, e com isso reconstruíram a casa da cidade e agora o pai dele tinha uma pequena cantina que comercializava vinho, ramo que ele conhecia como ninguém e no qual tinha amigos e conhecidos, que facilitavam créditos e bons negócios, razão pela qual estava indo muito bem e se recuperando das perdas que a enchente havia provocado.

O avô, como Luís Pedro previra, não resistira à tristeza de ver tudo o que construía em sua vida ir, literalmente, por água abaixo e morreria, cerca de dois meses depois da enchente.

- Não pudemos avisar você, pois não sabíamos onde você andava - disse-lhe um dos irmãos e essa foi a única censura que ele ouviu da família, e, assim mesmo, de forma velada e logo foi rechaçada pela mãe.

- Mas agora ele está aqui, reencontramos o nosso querido e, ainda mais, casado com uma boa e bela moça, transformado em homem sério - falou a mãe de Luís Pedro.

-...e quase pai de família também, acrescentou Luís Pedro, pois Ana Helena está grávida.

Aí então é que foi mesmo uma festa, com champanhe e tudo e os pais dele não se cabiam de contentamento, com a perspectiva de logo virem a ser avós.

Enquanto estiveram no sul, foi só alegria e festa, como se quem estava regressando fosse um verdadeiro herói. Luís Pedro sentiu uma pontinha de remorso e um afeto ainda maior pela sua família.

Terminada a agradável semana, voltaram para o Rio de Janeiro, com firmes promessas de que voltariam nas próximas férias, mas já então com a criança que teria nascido e à qual já ansiavam por conhecer e amar.

Eles nada haviam contado sobre o que lhes fora revelado, sobre a criança, para não chocá-los. E faziam mistério por duas razões: uma que eles não teriam condições de entender e aceitar e outra que, como católicos praticantes e fervorosos, poderiam ficar aborrecidos com o casal e isso iria toldar o céu de límpida felicidade e compreensão, que pairava sobre todos eles.

Logo depois de chegarem em casa e tendo telefonado para avisar que haviam chegado, receberam a visita de dona Marina, que lhes disse:

- Tenho ótimas novidades para dar a vocês: o Paulo me mandou aqui, para convidar vocês para almoçarem domingo lá em casa, em comemoração à vinda do neto. Eu contei a ele que você está grávida, minha filha, desculpe se o fiz sem primeiro pedir a sua permissão.

- Ora, mamãe, fez muito bem de contar: por mim, subiria nos telhados e contaria ao mundo inteiro, tal é a alegria que eu sinto, apesar dos enjoos.

- Que bom que você se sinta assim, minha querida. A gravidez muitas vezes é para a mulher um fardo quase insuportável.

Ana Helena, que agora sempre pensava em termos de espiritismo, depois daquela inesquecível sessão na casa do Dr. Rodolfo, logo pensou que certamente as mulheres que sofriam demasiadamente na gravidez, deveriam ser aquelas que não aceitavam de muito bom grado a vinda de um espírito, talvez até inimigo não perdoado. Mas logo voltou a conversar com dona Marina.

- Então, como foi isso? Conte tudinho, pois essa é mesmo uma grande e boa novidade, ele mandar convidar a gente para almoçar lá em casa, depois de todo aquele despautério com o Luís Pedro.

Dona Marina contou então que, simplesmente, mal ela acabara de falar, contando a novidade da gravidez, seu marido dissera:

- Convide-os para virem almoçar aqui no domingo. Acho que vou ter uma novidade para eles, eu também.

- Puxa, o que será? Para mim já é uma boa nova o simples convite feito, não precisava mais nada. Mas, vamos ver do que se trata: até lá ficarei morrendo de curiosidade.

Ficaram ambas conversando um bom tempo sobre a viagem feita por eles e também sobre a família de Luís Pedro que Ana Helena disse que a encantou, com seu carinho, sua ternura e a maneira com que receberam, ela e o filho, que afinal os abandonara à própria sorte, num momento difícil.

- Afinal, mamãe, são umas pessoas maravilhosas que eu já aprendi a querer bem - concluiu Ana Helena.-

Quando chegou o domingo seguinte, foram eles almoçar na casa em que Ana Helena vivera, mas nunca mais lá pusera os pés, desde que se casara, havia já quase dois longos anos; se alguém lhe dissesse que haveria de ficar tanto tempo sem ver seu pai, não acreditaria. Luís Pedro estava meio ressabiado, pois embora já se tivesse passado tanto tempo, ele não se esquecera de que de lá fora expulso, violenta e afrontosamente. Como espírita, bem que ele se esforçava para esquecer, mas não era fácil, talvez até por outras injunções, de um passado mais remoto.

O fato é que estavam ambos bastante receosos do encontro com o senhor Paulo, o qual, com os braços abertos, veio recebê-los à porta, perguntando:

- Vocês podem me perdoar, meus filhos?

- De minha parte já está perdoado há muito tempo, papai - falou Ana Helena, retribuindo o abraço e por sua vez, beijando-o carinhosamente.

- De minha parte também, senhor Paulo - disse Luís Pedro, retribuindo o abraço, sem muita ênfase.

- Espero que algum dia você possa entender a minha reação, meu filho.

- Pois hoje, na perspectiva de vir a ser pai, eu penso que teria feito o mesmo que o senhor fez, ou até pior, com o sequestrador da minha filha.

- Por favor, não me castigue mais, dizendo essa palavra. Tenho pensado, meditado e ponderado muito e concluí que fui injusto e muito drástico com você. Luís Pedro, que eu quero agora que se sinta como um filho, pois é assim que eu pretendo encará-lo, de agora em diante e nunca mais falaremos do lamentável episódio que, afinal teve o seu lado bom, pois serviu para aproximar vocês dois. Lembre-se apenas de que hoje, você é meu filho também. Mas será que me perdoaram mesmo?

- Sim, perdoamos - responderam os dois em coro, como se fossem jograis e por isso e porque estavam felizes, caíram na risada, acompanhados pelo senhor Paulo e dona Marina.

- Pois eu quero uma prova - disse o senhor Paulo, quando pararam de rir.

- Nós daremos a prova que o senhor quiser - falou Ana Helena.

- Eu quero esta - disse o senhor Paulo, entregando na mão de Luís Pedro um documento e pedindo a ele:

- Leia, por favor.

Luís Pedro começou a ler e logo percebeu que se tratava da escritura de uma casa, com três quartos, sala, copa, cozinha, dois banheiros, garagem, lavanderia e até um quintal.

- O que significa isto? - indagou Luís Pedro, ao terminar a leitura do documento.

- Essa será a prova que eu peço a vocês, de que me perdoaram realmente. Usei aquele dinheiro da sacola para comprar essa casa, aqui bem perto, para eu poder ver sempre os meus netos e para que eles tenham um quintal para brincar e não sejam criados fechados dentro de um apartamento. E

só acredito que vocês me perdoaram, se vocês aceitarem esse meu presente, que ficará sendo o presente de casamento, com mais de dois anos de atraso.

Comovidos, os dois se abraçaram com o senhor Paulo e os três choraram, não de tristeza, mas de uma alegre comoção, que nem eles mesmos saberiam explicar.

É que eles próprios não sabiam, embora sentissem, que essa réconciliação representava o fim de uma velha contenda, que, através dos séculos, já havia provocado muito ódio, muito rancor, muita mágoa e até causado morte, entre eles. O ódio vinha.

através dos tempos, nascido em priscas eras, quando ainda primitivos, só sabiam disputar e odiar. E desde então continuava causando males que atravessaram desde cerca da idade média, passando pela revolução francesa, pela revolução russa e ainda outras situações de tensão, nas quais seus espíritos, ora encarnados, ora desencarnados, também participaram, e sempre em campos opostos. Agora, enfim e com a intercessão de espíritos superiores, amigos de outras épocas que procuravam conciliar as pessoas a quem estimavam, a fim de que o ódio pudesse diminuir na Terra, para que o planeta possa melhorar, chegava ao fim aquela terrível e nefasta inimizade espiritual.

O amor é mesmo a salvação. A Terra, quando conseguir extirpar as raízes do ódio ainda existentes e plantar mais amor, deixará de ser um planeta de expiação e passará a ser um mundo de redenção.

Quando as pessoas compreenderem essa verdade tão simples, de que só o amor constrói para a eternidade, tudo começará a melhorar no mundo, como, em cada dia, agora, com o amor, melhorava a vida de Ana Helena e Luís Pedro.

E agora, eles estavam prontos para a missão que lhes fora incumbida nesta vida, em que ambos, estruturados no amor, tinham, enfim, condições de gerar e educar filhos que iriam, no futuro, influir nos destinos do país e, conseqüentemente, do planeta Terra, que também está sendo preparado, pelos espíritos, para subir um degrau, na escala da evolução, pois o destino do Brasil é ser o coração do mundo, a pátria do evangelho, como já têm declarado nossos irmãos maiores, da espiritualidade e não se cansam de repeti-lo, todos aqueles que vêm nos trazer mensagens do além, encorajando-nos para a realização das grandes obras, que nos incumbem, a nós, que temos a felicidade de conhecer a terceira revelação e difundi-la entre todos os nossos irmãos. E é preciso sim, que o façamos, para que todos tenham, enfim, a certeza do amor de Deus, para conosco, seus filhos, certeza essa que nos tornará melhores, num mundo melhor.

Terminado em **9** de outubro de **1988**

(foi começado em **12** de julho, do mesmo ano)